

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

DÉBORA CRISTINA DOS SANTOS

**A EXPROPRIAÇÃO DO TRABALHO DOS MARCENEIROS DE MUZAMBINHO
NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO SUL DE MINAS
GERAIS**

ALFENAS/MG

2024

DÉBORA CRISTINA DOS SANTOS

**A EXPROPRIAÇÃO DO TRABALHO DOS MARCENEIROS DE MUZAMBINHO
NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO SUL DE MINAS
GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Prof. Dr. Evânio dos Santos Branquinho

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca xxxxxx

Gere a ficha catalográfica no HYPERLINK
"[https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/ficha-tccs-
dissertacoes-e-teses/](https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/ficha-tccs-dissertacoes-e-teses/)"[Sistema de Geração de Ficha](#)

Ficha gerada automaticamente com os dados fornecidos pelo autor.

DÉBORA CRISTINA DOS SANTOS

**A EXPROPRIAÇÃO DO TRABALHO DOS MARCENEIROS DE MUZAMBINHO
NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO SUL DE MINAS
GERAIS**

Aprovada em: xx de xxxx de 2xxx

Prof. Dr. XXXXXX xx XXXXXXXXX
Universidade XXXXXXXXXXXXXXXX

Assinatura:

Prof. Dr. XXXXXX xx XXXXXXXXX
Universidade XXXXXXXXXXXXXXXX

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a XXXXXXXXXXXXXXXXX
Universidade XXXXXXXXXXXXXXXX

Assinatura:

*Para minha mãe, meu pai e meu irmão que são as
minhas inspirações diárias.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família.

Para a minha mãe, que apenas me mostrou apoio mediante todos os problemas e confusões que sempre me meti e que sempre me incentivou a estudar. Meu pai, por ser o profissional mais inspirador que conheci até hoje, e sem dúvidas, o trabalho é parte dele. Meu irmão, Fernando, que sempre me divertiu e auxiliou na pesquisa, mesmo quando eu estava longe de casa. Pelo trabalho de vocês que posso permanecer na universidade.

Após a minha família, agradeço a cada um dos profissionais que concederam as entrevistas. Sem vocês, a pesquisa não seria possível. Muito obrigada a todos. A profissão que vocês escolheram é inspiradora e digna de reconhecimento.

Em seguida, agradeço aos meus amigos, que mesmo à distância me auxiliaram na graduação: Beatriz Reis e Everton Pereira. Duas pessoas de cidades e personalidades completamente diferentes, que nunca se conheceram, mas ocupam lugares especiais .

Aos meus amigos e colegas da graduação, em especial: Marcelo Pires, Leandro Fermino, Júlia Mendes, Isabela Lobo, Lucas Andrade, Flávio Honorato, Paula Campos e Beatriz Martins. Vocês foram essenciais para que eu permanecesse na universidade.

Também agradeço a todos os professores que passaram pela graduação e ao meu orientador Dr. Evânio dos Santos Branquinho, por todas as reuniões prestadas ao longo do trabalho, pela compreensão e por concordar com o tema de pesquisa.

Repensando toda a graduação que fiz e toda a minha jornada acadêmica devo dizer que não foi nada simples. Desde o momento que decidi estudar em Alfenas, as idas e vindas diárias de Alfenas a Muzambinho, o trabalho, a doença e o luto quase me fizeram desistir, mas todas as pessoas que foram citadas contribuíram para a minha formação e permanência na universidade pública.

Por último, agradeço a Unifal por estar presente no sul de minas, aos funcionários que sempre são solícitos e a todos os meus colegas de sala.

Rotular as profissões como meramente braçais, e considerá-las inferiores, é, na verdade, depreciar a habilidade que os corpos possuem de aprender e de se adaptar aos espaços, materiais e trabalhos.

(Museu do Ipiranga, 2024)

RESUMO

O capitalismo e a descartabilidade da indústria de transformação realizam a expropriação do trabalho artesanal, modificando as relações de produção vinculadas à técnica e ao desenvolvimento de um ofício e transformando-as em profissões separadas em graus técnicos e desintegrados, onde os trabalhadores não detém o conhecimento daquilo que produzem. No espaço, o ser humano é aquele que detém o processo de trabalho na relação entre o ser social e a natureza. Dessarte, como o espaço geográfico é um jogo de forças de concentração do capital, as pequenas cidades inseridas no contexto neoliberal, produzem trabalhadores que podem servir de mão de obra futura. Pensando nestes fatores, relata-se no presente trabalho sobre qual a compreensão da expropriação do trabalho dos marceneiros ao longo dos anos, identificando do desenvolvimento das relações de trabalho, da manufatura, do artesanato urbano e como estes processos estão presentes no espaço da cidade de Muzambinho - MG ao longo do processo de obsolescência programada e da perda da identidade do trabalhador artesanal. A metodologia utilizada para os propósitos gerais da pesquisa envolve a revisão bibliográfica, pesquisa documental, dados secundários, amostra de grupo, aplicação de entrevistas semi-estruturadas, fotografias e estudo de campo. Assim, será possível identificar a existência da descartabilidade da indústria de transformação perante esses profissionais e como as modificações na indústria brasileira modificaram historicamente e espacialmente a expropriação do trabalho artesanal desses trabalhadores, degradando a profissão ao longo do meio técnico-científico informacional.

Palavras-chave: expropriação; artesanato urbano; trabalhador manual; pequena cidade; marcenaria.

ABSTRACT

Capitalism and the disposability of the manufacturing industry expropriate artisanal labor, modifying the relations of production linked to the technique and development of a craft, transforming them into separate professions in technical and disintegrated degrees, where workers do not have the knowledge of what they produce. In space, the human being is the one who holds the labor process in the relationship between the social being and nature. Thus, as geographic space is a game of forces of concentration of capital, small cities inserted in the neoliberal context produce workers who can serve as future labor. Considering these factors, this paper reports on the understanding of the expropriation of the work of carpenters over the years, identifying the development of labor relations, manufacturing, urban crafts and how these processes are present in the space of the city of Muzambinho - MG throughout the process of planned obsolescence and the loss of the identity of the artisanal worker. The methodology used for the general purposes of the research involves bibliographic review, documentary research, secondary data, group sampling, application of semi-structured interviews, photographs and field study. Thus, it will be possible to identify the existence of disposability in the manufacturing industry for these professionals and how the changes in the Brazilian industry have historically and spatially modified the expropriation of the artisanal work of these workers, degrading the profession throughout the technical-scientific informational environment.

Keywords: expropriation; handicraft; handwork; small town; woodwork.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Muzambinho (MG)	21
Figura 2: Divisão entre os Bairros Canaã e Jardim Maracanã	23
Figura 3: Descida para a Vila Socialista	24
Figura 4: Descida para a Barra Funda em Muzambinho (MG)	24
Figura 5: Zona Central da cidade de Muzambinho (MG) na Avenida Doutor Américo Luz	24
Figura 6: Zona Central da cidade de Muzambinho na Praça Pedro de Alcântara Magalhães	24
Figura 7: Mapa da malha urbana de Muzambinho (MG)	25
Figura 8: Fluxograma da escala produtiva dos marceneiros	41
Figura 9: Idades dos marceneiros	41
Figuras 10, 11, 12 e 13: Catálogos de MDF e Fórmica	45
Figura 14: Uma marcenaria vista por dentro	50
Figuras 15 e 16: Mesas de marceneiro e moveleiro	50
Figura 17: Gráfico dos marceneiros entrevistados e suas categorias jurídicas	51
Figura 18: Gráfico de escolarização dos marceneiros	52
Figuras 19 e 20: A presença do pó na marcenaria	53
Figuras 21, 22, 23 e 24: Máquinas utilizadas pelos marceneiros	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População urbana e rural na cidade de Muzambinho	21
Tabela 2 - Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Muzambinho	51
Tabela 3 - Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Minas Gerais	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNIFAL-MG Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	17
1.1.1	Objetivo Geral	18
1.1.2	Objetivos Específicos	18
2	METODOLOGIA	18
2.1	Caracterização geral da área	21
3	CAPÍTULO 1	26
3.1	Divisão e expropriação do trabalho	26
3.2	Industrialização e maquinofatura	30
3.3	O artesanato urbano e a indústria mobiliária no Brasil	33
4	CAPÍTULO 2	36
4.1	A rede urbana e a escala de trabalho das pequenas cidades	36
4.2	A espacialização das marcenarias nas pequenas cidades	38
4.3	A obsolescência programada e as lojas de rede	42
4.4	A espacialização do trabalho das marcenarias e sua clientela	45
4.5	A perda da identidade do marceneiro e o esvaziamento da profissão	47
4.6	O futuro da marcenaria e do trabalho artesanal	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	63

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, na sociedade atual, é entendido como um ser social com uma vida despojada de sentido, sendo o criador do mundo e o produto da sociedade. O espaço produzido por este sujeito e pelo capital, juntamente com a apropriação privada, aliena o produtor do produto, detendo estes uma contradição entre o seu emprego e a apropriação individual.

O espaço, como indicado por Lobato Corrêa (1989), é produzido através de um jogo dialético de forças de concentração do capital, que são impulsionadas por interesses industriais, produzindo uma reserva de mão de obra. Nesse contexto, as pequenas cidades, como exemplo Muzambinho – MG, produzem forças de dispersão, sendo fenômenos urbanos expressivos dentro do país, paralelo ao que ocorre nas grandes metrópoles brasileiras (SANTOS apud CORRÊA, 1976).

A análise temporal ocorre através da investigação histórica do tema no contexto brasileiro, verifica-se o surgimento do moveleiro levando em consideração a escala das pequenas cidades, além do desenvolvimento da produção de móveis no Brasil, que iniciada no final do século XIX, trouxe grandes mudanças técnicas ao longo do tempo (SAGGIORATO, 2023).

O trabalho, no contexto do enfoque geográfico, como afirmado por Thomaz Júnior (2010), é entendido como uma expressão de uma relação entre o ser social e a natureza, com o ir sendo ou o ir vir está ligado ao processo de humanização do ser humano, que cria e renova as condições de reprodução. O trabalho vai além do ser vivo na biologia e vai da realização do ser humano, em que a sociedade se modifica perante o trabalho e daquilo que vive. Para isso, é preciso compreender o trabalho como algo que é social e detém o espaço geográfico, pois envolve categorias como a paisagem, o território, o lugar de existência dos fenômenos, etc.

A degradação constante do meio ambiente, os incentivos tecnológicos e a força humana que se sente exaurida são vinculadas a essas relações trabalhistas, modificando as estruturas produtivas, as novas relações territoriais de produção, distribuição e circulação que são acentuadas na sociedade e no espaço geográfico, alterando estas relações, descentralizando as indústrias e o capital, modificam o território. Isto envolve a mudança da gestão do trabalho, a modificação do trabalho industrial, a ampliação dos salários, as novas formas de proletarização (trabalho precário e periódicos o), a superexploração, a exclusão de trabalhadores jovens e velhos, o aumento do trabalho infantil.

Muitos falam que a sociedade atual deve se tornar mais flexível e desregulamentada para alterar as relações de trabalho na sociedade, entretanto, isso ultrapassa a legislação

trabalhista e os direitos conquistados a duras penas de diversos trabalhadores ao longo do tempo.

O trabalho pode aparecer como uma categoria simples, porém, é uma categoria antiga e ao mesmo tempo, moderna. Marx (2011) ressalta que na sociedade capitalista houve um enorme progresso no que se refere ao sistema manufatureiro que transpôs a fonte de riqueza de objeto para uma atividade subjetiva, sendo este o resultado universal do trabalho. Assim, não se deve levar em consideração que a abstração do trabalho geral não é apenas a resolução mental, como também a totalidade concreta do trabalho.

Os objetivos da presente pesquisa envolvem a compreensão de como o capitalismo e a descartabilidade expropriam o trabalho artesanal do marceneiro, compreendendo como foi feita essa expropriação ao longo dos anos e analisando a influência das marcenarias no sul de Minas Gerais, ao pensar no ofício dos marceneiros na cidade de Muzambinho – MG e sua espacialização.

A estruturação desta pesquisa ocorreu em xx capítulos, sendo eles introdução, objetivos, objetivos específicos, metodologia e a caracterização geral da área. Nos seguintes capítulos e subtópicos, estuda-se sobre a divisão estrutural do trabalho na sociedade e a expropriação que ocorre ao longo dos anos, ressaltando sobre o desenvolvimento da indústria, da maquinofatura e de como o artesanato urbano acabou se inserindo neste processo, levando em consideração que o marceneiro é um dos trabalhadores da indústria de transformação.

No segundo capítulo, apresenta-se sobre as redes urbanas estruturadas no século XX e como elas afetaram o desenvolvimento da cidade de Muzambinho mediante o polo formado e de acordo com a rede urbana da região. Aborda a obsolescência programada, a espacialização das marcenarias no município, a perda da identidade e do ofício do marceneiro, além do futuro da marcenaria e do trabalho artesanal ao longo dos próximos anos.

Nas considerações finais, são refletidos sobre os aspectos abordados em cada um dos capítulos e uma síntese dos processos de distribuição no espaço-tempo no que envolve os marceneiros.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender como o capitalismo e a descartabilidade na indústria de transformação no setor moveleiro expropriam o trabalho artesanal do marceneiro na cidade de Muzambinho – MG, examinando a espacialização da atividade desses trabalhadores.

1.1.2 Objetivos específicos

- Compreender sobre a expropriação do trabalho artesanal ao longo dos anos, mediante os avanços industriais realizados no Brasil;
- Caracterizar as conexões espaciais que a cidade de Muzambinho, MG apresenta com outras cidades mediante a rede urbana observável;
- Analisar a influência que as marcenarias podem desempenhar sobre o espaço urbano da cidade e quais as suas relações clientelistas;
- Discutir sobre o desaparecimento do ofício de ‘marceneiro’ com o surgimento do ‘moveleiro’.

2 METODOLOGIA

Segundo Chizzotti (2008), sobre os propósitos gerais da pesquisa, esta visa reconhecer o saber acumulado na história, aprofundando as análises e as descobertas feitas pela vida humana, pressupondo a ação, a investigação e os procedimentos técnicos, no levantamento das informações de forma rigorosa e sistemática, compreendendo o desenvolvimento do conhecimento em uma área ou problemática específica (CHIZZOTTI, 2008).

No âmbito de uma abordagem qualitativa, foi realizado um acompanhamento etnográfico pensando nos marceneiros, nos fatos sobre seu trabalho e na cidade de Muzambinho, sendo este o objeto de pesquisa. O acompanhamento etnográfico é feito através do espaço local e das competências individuais, adaptados à vida urbana ou segregada dela, investigando e reconstruindo a cultura de pequenos grupos, descrevendo práticas e artefatos e o que ocorre nas interações sociais (GIL, 1999).

A pesquisa se apoia no método do materialismo histórico e dialético, expondo as contradições existentes no processo de desaparecimento do ofício do marceneiro e surgimento do moveleiro na sociedade, utilizando dados qualitativos e quantitativos para apreender essas transformações socioeconômicas, as quais integram o processo capitalista no espaço geográfico (SALVADOR, 2012).

O materialismo histórico-dialético, fundamentado nas bases de Marx e Engels, pressupõe a produção e suas trocas como uma base para a ordem social, analisando os modos de produção e suas mudanças ao longo do tempo. Assim, a estrutura econômica sustenta as superestruturas jurídicas e políticas, e o modo de produção determinará, por consequência, o processo social, político e espiritual, sendo entendido de forma dialética em um conjunto orgânico, com sua estrutura econômica. Assim, será dimensionada a historicidade dos processos sociais e quais os fenômenos observados nos dias atuais (GIL, 1999).

Os procedimentos metodológicos da pesquisa compreendem: revisão bibliográfica da literatura do ofício de marcenaria, da automação do setor moveleiro e da espacialização da profissão nas pequenas cidades, em busca de informações referentes a esta profissão. A pesquisa documental será feita através de relatórios e literatura sobre o tema. Ocorrerá a busca de dados secundários, utilizando estatísticas do CAGED/RAIS, BNDES e do número de empregos formais por profissões.

A pesquisa documental foi essencial, com materiais que ainda não receberam um tratamento analítico sobre o ofício de marcenaria e muitos foram elaborados há muitos anos, além da exploração de fontes documentais. Foram usados documentos oficiais, reportagens, fotografias e gravações. De outro lado, a presença de fontes secundárias, como relatórios de pesquisa e de empresas.

Para a elaboração da coleta de dados qualitativos, foi-se selecionado um grupo delimitado de marceneiros, com a eleição dos dados apresentados, usando estratégias e uma diversidade de técnicas, tais como: observações participantes e contextualização das anotações em campo, pelo modo de vida, cultura e estrutura social do grupo pesquisado.

Empregou-se o uso de registros fotográficos além da utilização de material cartográfico para indicar a espacialização, através da observação em campo coletando as informações sobre os aspectos do meio, recolhendo e registrando os fatos da realidade (BONI & QUARESMA, 2005).

A coleta de dados utilizada dentro da pesquisa envolve a identificação da amostragem do grupo de marceneiros no município (sendo dez ao total), identificando quem são e sua rotina de trabalho. Os instrumentos utilizados foram as entrevistas com questões semi-estruturadas, o uso de lápis, papel, gravador, Whatsapp, celular, laptop e o banco de dados. Leva-se em consideração o ponto de vista dos membros do grupo, observando os aspectos históricos, culturais e econômicos (GIL, 1999).

Nas entrevistas semi-estruturadas, foram identificadas as marcenarias, os sujeitos, suas idades, níveis educacionais, categoria jurídica, quais são os setores ocupacionais dos quais fazem parte, o que utilizem no processo de produção (madeira ou compensados no geral), como enxergam a sua profissão, se são artesãos ou não e o futuro da profissão (em anexo).

Em seguida, teve-se a transcrição desses dados para a tabulação dos resultados obtidos em campo, identificando as práticas profissionais que os marceneiros realizam no espaço da cidade de Muzambinho – MG, onde a análise dos dados e a tabulação serão de fundamental importância para os resultados da pesquisa, juntamente com a exposição de gráficos e tabelas para realizar a análise destes dados.

O trabalho está estruturado em: introdução, objetivo geral e específico, metodologia, caracterização da área de estudo, capítulo um, capítulo dois, conclusão e referências.

Considerando a caracterização geral da área, houve a confecção de um mapa, a tabulação de dados obtidos pelo IBGE Cidades e o SIDRA, além do referencial teórico ter o apoio do zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007) para a espacialização e conceituação de Muzambinho enquanto uma pequena cidade, pensando no seu desenvolvimento municipal.

No capítulo um, são discutidas a divisão e expropriação do trabalho, do trabalho artesanal ao industrial e o artesanato urbano. Este capítulo contou com revisão bibliográfica do tema, utilizando de anuários que contém informações sobre determinada área, e de referências remissivas, ligadas aos índices de livros, periódicos e ao catálogo de bibliotecas, uso de periódicos dentro do tema de geografia do trabalho. Os principais autores utilizados são Marx, Braverman, Sennett e Antunes ao relacionar os períodos históricos e sociais do trabalho. Para a espacialização, usa-se Mumford, Harvey e os relatórios observados pelo BNDES.

No segundo capítulo, é abordado o desenvolvimento das redes urbanas em pequenas cidades, a espacialização do trabalho das marcenarias, a obsolescência programada, a clientela e a forma na qual ela está situada no município de Muzambinho, a perda de identidade do marceneiro e qual o futuro da marcenaria e do trabalho artesanal. Este capítulo conta com uma nova revisão bibliográfica do tema, utilização de anuários e periódicos. Também conta com entrevistas, gráficos, fluxograma, fotografias, recortes de entrevistas semi-estruturadas e estudo de campo.

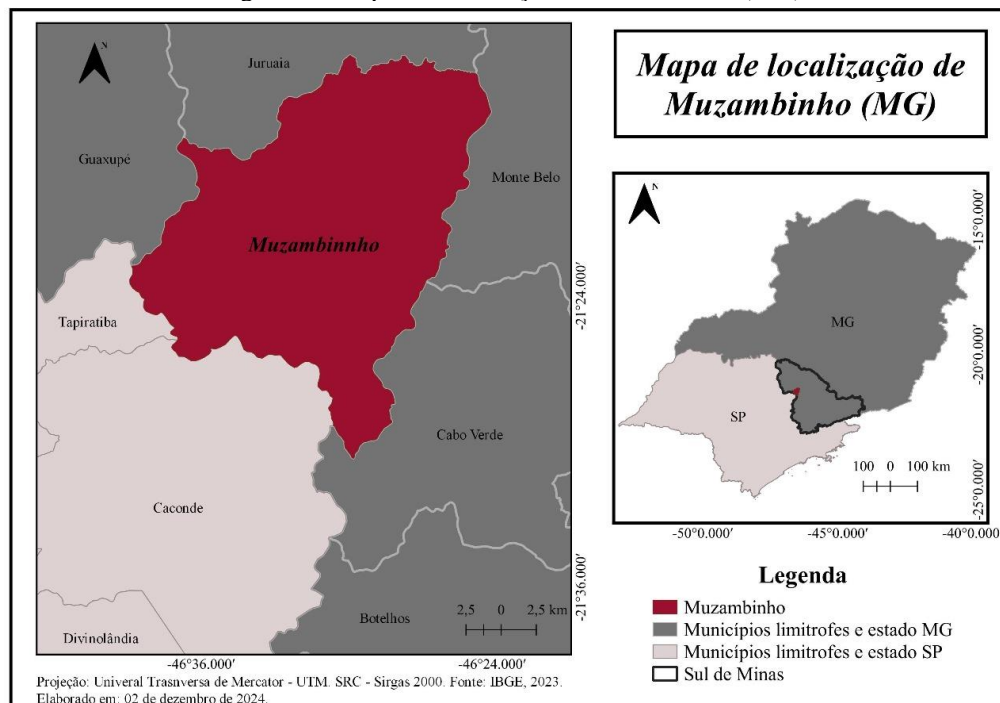
A parte final da pesquisa compreende um tópico específico da área de estudo, com a transcrição dos dados gerais coletados do município de Muzambinho, como a população total (urbana e rural) ao longo dos anos, o PIB por setores, as principais atividades econômicas municipais, quantas pessoas trabalham na indústria de transformação na cidade e um mapa de localização do município. A coleta de dados secundários foi feita através do IBGE Cidades, do SIDRA e do Novo Caged.

2.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ÁREA

Muzambinho é um município localizado na Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, sendo um centro de influência local 5, em que Guaxupé é a Região Imediata (Centro Subregional 3 – 3B), Poços de Caldas a Capital Regional (2C) e Varginha sendo a cidade de Região Intermediária. A cidade é ligada pela BR-491 ligando o município a Guaxupé, Juruáia,

Monte Belo, Cabo Verde, Caconde e Tapiratiba, com uma unidade territorial de 409,948 km² (IBGE Cidades, 2024).

Figura 01: Mapa de localização de Muzambinho (MG)



Fonte: autora

Muzambinho detém uma população de 21.891 pessoas, composta majoritariamente por pessoas na zona urbana (77,4%), tendo uma expressiva população na zona rural (22,6%). O município apresenta densidade demográfica de 49,84 hab/km² (IBGE Cidades, 2024).

Tabela 01 – População urbana e rural na cidade de Muzambinho

	Total	Urbana	Rural
1970	15.206	6.444	8.069
1980	15.631	8.780	6.851
1990	17.887	11.424	6.463
2000	20.589	14.363	6.226
2010	20.430	15.729	4.701
2022	21.891	16.933	4.958

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2024. Org.: Autora.

A economia de Muzambinho corresponde à *Agropecuária* (17%) voltada à produção cafeeira; *Indústria* (20,2%), com fábricas de laticínios, olarias, marcenarias, grandes empresas (como a Pavidez, uma construtora presente em mais de 10 estado brasileiros) e uma pequena fábrica da Yoki; e *Serviços* (62,8%), representada por todos os serviços administrativos (prefeitura, secretarias de saúde, bibliotecas públicas, etc), comércio (lojas de rede como a

Edmil e a Pernambucanas, pequenos estabelecimentos comerciais e a venda) e serviços educacionais (presença de um polo do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais). O PIB de Muzambinho é de R\$105.580.140,43 milhões de reais e o PIB per capita é de R\$26.091,09 (IBGE Cidades, 2024).

Historicamente, afirma-se que a cidade surgiu no bairro Brejo Alegre, de origem quilombola. A cidade então, passa a se desenvolver devido à qualidade de suas terras para a agricultura e a principal forma de povoamento era de quilombolas e bandeirantes paulistas, e depois, grande imigração de portugueses e italianos na cidade (IBGE Cidades, 2024).

Muzambinho, como uma pequena cidade deve ser considerada mediante o seu desenvolvimento elementar na hierarquia urbana e seu principal critério é o zoneamento morfológico funcional, com projeção nas paisagens intraurbanas, mesmo que estes espaços não sejam individualizados com clareza, como afirmado por Amorim Filho (2007).

Amorim Filho (2007), destaca que o centro urbano das pequenas cidades se reduz a uma praça, um entroncamento ou uma rua comercial, contendo as funções essenciais da cidade, o comércio, os centros religiosos (focando principalmente nas igrejas católicas), parte da aglomeração urbana e os serviços prestados. Em Muzambinho, a Zona Central está em dois centros comerciais, concentrados na Praça Pedro de Alcântara Magalhães e na Avenida Américo Luz.

Entre o centro e a periferia, temos o pericentro. A zona pericentral é destacada pela zona de habitat denso e tem uma transição entre o centro e a parte dos bairros, caracterizando as atividades sócio-profissionais. Os ateliers, fábricas e entrepostos desempenham um papel considerável na área urbana e tem pequena distância dos centros urbanos, com função residencial e grande presença do setor terciário da economia, encontra-se os cemitérios, casernas e estações ferroviárias, podendo se misturar com a periferia, detendo limites difíceis de serem traçados (AMORIM FILHO, 2007).

A periferia, para Amorim Filho (2007), é dividida entre o habitat de casas individuais (casas que se iniciaram ao redor de estradas ou nas proximidades de estações ferroviárias entre os eixos urbanizados, os conjuntos habitacionais como conhecidos no Brasil) e os conjuntos de prédios e alojamentos coletivos e atividades terciárias rejeitadas por outras zonas da cidade.

Para analisar a cidade de Muzambinho, é importante considerar que, mesmo sendo uma pequena cidade, verifica-se a existência de condomínios fechados, uma zona periférica, uma zona central e uma pequena zona pericentral.

No que se diz a respeito aos condomínios, tem-se a presença de dois dentro da cidade, o Condomínio Jardim Primavera e um novo condomínio que será lançado esse ano, com a venda

de seus lotes. Outros bairros que são altamente valorizados dentro da cidade são o Jardim Europa, Jardim América e o Bairro Canaã.

Figura 02: Divisão entre os Bairros Canaã e Jardim Maracanã e COHAB.



Fonte: autora

Para retratar sobre as periferias da cidade, é necessário retratá-las como um ambiente descontínuo e que o seu desenvolvimento inclui povoados englobados na expansão urbana, diretamente ligados aos meios de transporte (AMORIM, 2007 apud. BORDE et. al, idem, p. 73).

A zona periférica da cidade tem bairros como a Vila Socialista, a Barra Funda, o Chico Pedro, o Jardim dos Imigrantes, o Conjunto Habitacional (COHAB) e o Brejo Alegre. No Jardim dos Imigrantes, há a presença de uma creche e a estrada de acesso para o município de Caconde, SP e no bairro da COHAB tem-se um PSF, uma igreja católica, a Escola Municipal Frei Florentino e está próximo do IFSUL de Minas. Uma característica interessante é que muitas das casas apresentam aquecedores solares fornecidos pela Cemig, devido a um projeto feito na cidade.

Figura 03 e 04: Descida para a Vila Socialista e descida para a Barra Funda em Muzambinho (MG)



Fonte: autora

O centro da cidade conta com duas partes, sendo a Praça Pedro de Alcântara Magalhães e a Avenida Doutor Américo Luz. Na Praça Pedro de Alcântara Magalhães, temos a Escola Estadual Cesário Coimbra, o principal jardim da cidade em que ao seu redor, apresenta estabelecimentos comerciais, quatro bancos (Sicoob, Bradesco, Itaú e Sicredi) e alguns imóveis residenciais. Para a conexão entre os dois centros da cidade, temos a descida da rua Professor Salatiel de Almeida, que conta com estabelecimentos comerciais, um polo do Instituto Federal e o Banco do Brasil. Na Avenida Doutor Américo Luz, temos a Câmara Municipal, estabelecimentos comerciais, o antigo Teatro da cidade, a Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, a Caixa Econômica Federal e a Igreja Matriz.

Figura 05 e 06: Zona Central da cidade de Muzambinho (MG) na Avenida Doutor Américo Luz e na Praça Pedro de Alcântara Magalhães

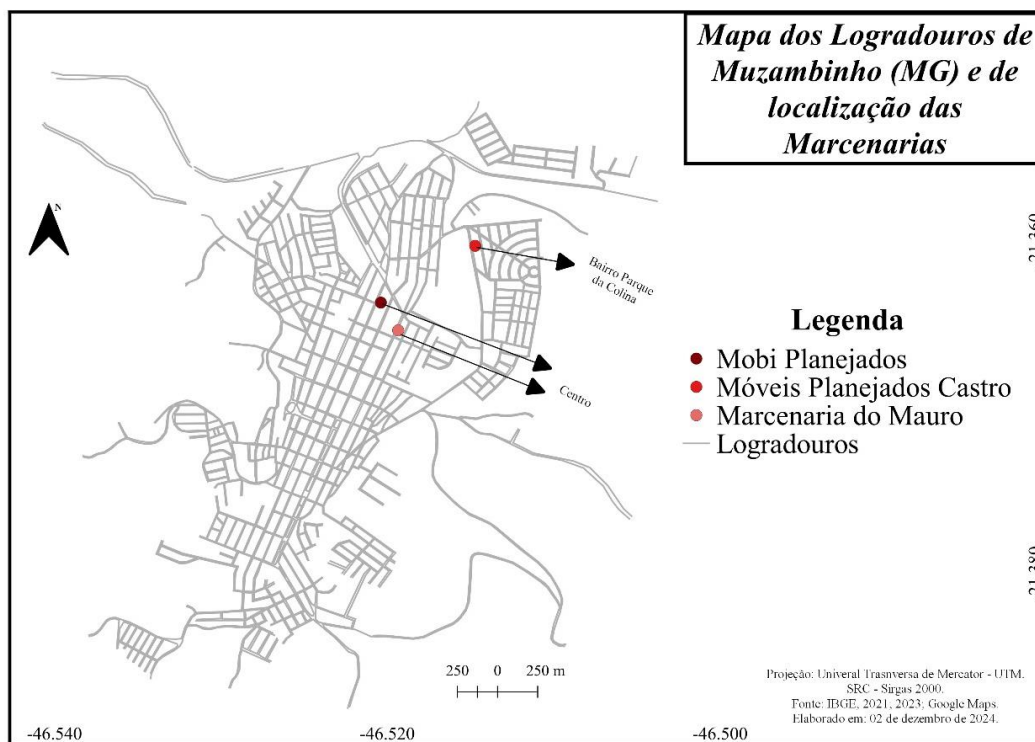


Fonte: autora

Verificamos que os bairros se misturam dentro da cidade, onde não conseguimos avaliar qual é o bairro em cada ponto. Quando você anda pela cidade, consegue reparar nas diferenças socioeconômicas das pessoas a depender da rua onde elas moram, e em qual parte do relevo do bairro elas se localizam, quanto mais plano for o terreno em que estiver a casa, mais caro esse

local se torna, e como é uma cidade extremamente montanhosa, conseguimos reparar claramente essas diferenças socioeconômicas das classes e, portanto, a segregação socioespacial.

FIGURA 07: MAPA DA CIDADE DE MUZAMBINHO com delimitação urbana dos bairros e de algumas marcenarias



Fonte: autora

3. CAPÍTULO 1

3.1 Divisão e expropriação do trabalho

As primeiras análises feitas sobre as representações do trabalho na sociedade e como ele era feito ganham relevo através de Marx (2011) feitas ao longo do século XIX, compreendendo como a sociedade havia chegado ao modo de produção capitalista industrial, dominado pela Inglaterra do século XIX. No *Grundrisse* (2011), Marx apresenta a divisão da sociedade até o capitalismo industrial em quatro fases: modo de produção asiático, modo de produção da sociedade antiga, modo de produção germânico (feudal) e modo de produção capitalista.

Estas quatro sociedades existentes modificaram as formas de organização e divisão do trabalho ao longo dos séculos, porém, a sociedade não parou de se organizar no capitalismo industrial e evoluiu até chegar à sociedade capitalista neoliberal. Essa forma de organização alterou a forma no qual o trabalho é analisado ao longo dos séculos, a organização espacial, as redes geográficas que estão inseridas e a relação campo-cidade ao longo dos anos, pois a urbanização é um dos reflexos dos modos de produção.

Para a sociedade atingir o capitalismo neoliberal, é necessário saber em qual ponto devemos iniciar, sendo este a vida pastoril, características dos seres humanos que passaram do nomadismo ao sedentarismo. Nestas comunidades pastoris havia apropriações temporárias dos lugares e o uso coletivo do solo, para a produção de alimento. Elas se fixaram devido às condições geográficas (solo, água e condições climáticas) e a forma na qual as tribos se constituíam coletivamente, entretanto, estas não eram muito fixas. O trabalho, neste período, envolvia a comunidade coletiva acima das pequenas propriedades, toda a produção era destinada a manter a unidade coletiva e as guerras eram constantes para manter essa sociedade.

Com a evolução dos modos de organização social, temos o primeiro modo de produção em desenvolvimento, denominado *modo de produção asiático* e a construção das primeiras cidades feitas ao longo do Vale da Lua (região da Mesopotâmia), onde a comunidade, sendo este o pressuposto para o desenvolvimento urbano, constituía a cidade como sede e o campo como um território da urbe. A maior parte do trabalho envolvia a manufatura – o tecer e o fiar, que era autonomizada em alguns ramos, trabalhava com materiais sólidos; e a pequena produção agrícola, pressupondo a terra como pertencente ao ser humano, porém, a terra era de posse coletiva, dependendo do trabalho singular e da comunidade, com círculos de produção autossustentáveis e o trabalho dividido entre técnico e biológico (homens e mulheres).

Decorrente do crescimento exponencial das cidades, surge o *modo de produção da sociedade antiga*, vinculado às Cidades-Estado europeias (em especial as gregas e romanas),

que vinculadas às linhagens antigas apoiadas nas pessoas vindas do campo, eram fundadas com base na propriedade da terra e agricultura, caracterizadas pelo controle da cidade ao campo, o senso de pertencimento advindo do Estado (surgimento do cidadão), o fortalecimento dos sistemas comunitários guerreiros e os sistemas de castas, para manter a hierarquia social. A renda da terra e da propriedade eram consideradas como as principais formas de riqueza e existência, e a terra, como instrumento, é o pressuposto original do trabalho na sociedade antiga, sendo uma condição para a reprodução desta cidade ou comunidade ao longo do tempo. No contexto do modo de produção da sociedade antiga, deve-se destacar a presença do Império Romano, que surgiu com termos vinculados à condição social e jurídica, a criação do salário e a criação da propriedade como condição de trabalho.

O Império Romano deteve seu poder durante toda a sociedade antiga, porém, com a queda de Roma Ocidental devido às invasões realizadas pelos povos bárbaros e a instabilidade política, surgem os primeiros reinos germânicos, dando início a um novo modo de produção, o *modo de produção germânico (feudal)*, que, após a desintegração, começa a realizar a formação isolada e autônoma em pequenos reinos e burgos, garantindo habitações familiares com as mesmas características (descendência, língua, passado e história em comum) e tribos, levando ao isolamento dos povos na área rural e a construção de novas hierarquias sociais. Nesse processo, o indivíduo passa a ser ligado na propriedade e as famílias passam a se ligar nas propriedades de forma autônoma, em relações de servo e senhor feudal; a terra ainda se constitui como um instrumento geral do trabalho e neste processo, inicia-se a construção de mercados sociais nas cidades, a criação de guildas, com a relação entre mestre e aprendiz e o surgimento dos burgos, que, mais à frente, criará a burguesia que se tornará a classe dominante na sociedade devido ao início do acúmulo de capital.

A última fase estudada por Marx (2011) será do *modo de produção capitalista*, que envolve o aumento das cidades – feita com a retirada de pequenos camponeses, que são expropriados e usurpados de suas terras pela violência, sendo a principal forma de consolidação do sistema capitalista. Surgem as primeiras cidades industriais que vêm a dissolver os comportamentos em relação à terra, às relações de trabalho existentes e à mudança do trabalho manual para o trabalho fabril em grande escala.

Por consequência, como apontado por Mumford (1998), o capitalismo passa a alterar a realidade das cidades e a rotina das indústrias transforma a cidade em aspectos sombrios vinculados às minas, ferrovias e as indústrias, acentuando a acumulação capitalista e o aumento da lucratividade. As cidades industriais eram dominadas pelo mau cheiro, a aglomeração urbana em cortiços, a fome e o barulho; como os camponeses haviam sido arrancados de forma violenta

de suas terras, eles deveriam encontrar um lugar para morar e trabalhar. Onde havia essa possibilidade era na cidade, com as indústrias, criando o ideal de que apenas o trabalho nas empresas privadas era positivo, pois o trabalho passou a ser pré-definido como uma forma de valor de troca, vinculado à capacidade de trabalho viva. Os trabalhadores eram homens, mulheres e crianças, que trabalhavam exaustivamente para receberem o seu salário, apenas para se manterem nessas cidades industriais.

Marx (2011) aponta que, ao final, a sociedade burguesa aparece como a forma mais desenvolvida e diversificada no que envolve a organização histórica da produção, pois a riqueza absorvida pela mão de obra dos trabalhadores (mais-valia) era encaminhada a um sistema produtivo de trocas e lucro, que se tornaram internacionais, gerando um grande mercado mundial e a divisão internacional do trabalho, aumentando ainda mais a acumulação do capitalista e as relações de apropriação que aquele detinha.

Entretanto, as relações dos modos de produção não param neste momento e a sociedade capitalista busca a sua reprodução ao longo do tempo. Assim, Braverman (1978) destaca as relações de trabalho no capitalismo monopolista, trazendo conceitos que envolvem a objetificação, o estranhamento e a desintegração unilateral, no qual o modelo de produção anterior para as indústrias era atomizado e concorrencial, tendo influência direta do imperialismo. No conjunto de circunstâncias presentes ao longo do século XX, o Estado burguês passa a ser uma chave para a empresa moderna, financiando os custos do capital, concentrando e centralizando-o em trustes e cartéis, visando o aumento da produtividade e a modernização tecnológica dos setores, internacionalizando ainda mais o capital, modificando as bases produtivas, a organização das cidades e a formação de uma nova classe, a classe média.

A empresa moderna então, altera as estruturas de poder e aumenta a distribuição de trabalhadores em funções técnicas e de gerência, aburguesando os trabalhadores com o funcionalismo gerencial, com suas rotinas, técnicas, burocracias e grande controle operacional. Todos os atos feitos pelas grandes empresas levam à remoção das unidades pessoais, o capital que se torna jurídico e administrativo, um alto desemprego mesmo entre os grandes escalões e a mudança na indústria de transportes, com escalas articuladas geograficamente em redes locais, regionais, nacionais e internacionais.

Após a década de 1970, Harvey (2016) assinala que a sociedade capitalista começa a passar por mudanças no que envolve a sociedade industrial, com a entrada do neoliberalismo, sendo um novo sistema hegemônico, que passa a ser difundido em todos os meios (na educação, na mídia e nas instituições financeiras). No neoliberalismo, temos a busca pela liberdade individual e justiça pessoal, no qual a pobreza acabará devido ao livre mercado e ao livre

comércio, não tendo a interferência do Estado neste processo. Todo este processo é destacado devido à superexploração dos bens em comum e as políticas neoliberais feitas de forma geograficamente desiguais e temporalmente instáveis, avançando na privatização, no desmonte de marcos regulatórios, na reversão de direitos de proteção ao meio ambiente e a transferência de bens públicos para o privado. O Estado, neste processo, torna-se financeirizado, especulativo e predatório, manipulando as crises do capitalismo e redistribuindo o dinheiro para as grandes empresas através do Estado. O neoliberalismo, então, emplaca ainda mais a divisão social do trabalho, que se manifesta através dos diferentes valores de uso atribuídos a um determinado item, separado em ordem, gênero, espécie, subespécie e variedade, decompondo as atividades produtivas e reprodutivas, dividindo-as em tarefas específicas por vários indivíduos.

A divisão social do trabalho é voltada para o aumento do capital, a lucratividade e a vantagem competitiva, repartidas em divisão técnica do trabalho e divisão social do trabalho. A primeira corresponde a uma tarefa isolada dentro de uma série complexa de divisões e a segunda é uma tarefa especializada que apenas uma pessoa com treinamento pode exercer (HARVEY, 2016).

O capital, para aumentar a sua acumulação, necessitava que algumas barreiras fossem superadas e fez duas ações para dissolvê-las. Primeiro, impôs o poder do monopólio nos meios de produção, privando os trabalhadores de se reproduzirem fora da supervisão e controle do capital e aqueles que faziam isso, logo perdiam o seu poder, assim, um capitalista, que dispunha de dinheiro contratava vários artesãos para trabalharem coletivamente, aumentando o lucro, desta forma, o preço das mercadorias cairia rapidamente, superando as formas artesanais de produção. A segunda ação envolve a alocação do capital para evoluir tecnologicamente a produção, que tinha, como um dos objetivos, destruir o poder do trabalhador, levando à desqualificação e à alienação do trabalho, a partir dos quais os grandes ganhos obtidos se dão às custas do bem estar dos trabalhadores (HARVEY, 2016).

Quando o capital entrou em cena como forma principal de acumulação, e não ocasional, e descobriu que era necessário ter o controle dos processos de trabalho na produção industrial, encontrou disponíveis uma divisão de trabalho e estrutura de qualificações profundamente arraigadas nos ofícios de trabalho artesanal. “Açougueiro, padeiro e fabricante de velas” eram ocupações em que os trabalhadores podiam aprimorar as suas habilidades e garantir uma posição social futura. [...] O trabalho artesanal das cidades abarcava uma ampla gama de ocupações, algumas reguladas por um sistema de guildas e aprendizagem. O sistema de guildas conferia um poder de monopólio sobre o acesso a uma habilidade baseada em especialidades técnicas específicas. Os carpinteiros aprendiam a usar suas ferramentas próprias, assim como joalheiros, relojoeiros, metalúrgicos, tecelões, ferreiros, tapeceiros, sapateiros, pregoeiros, armeiros, etc. Pela organização corporativa das guildas, grupos de trabalhadores podiam garantir e manter posições mais elevadas na ordem social e um nível mais alto de remuneração pelo seu trabalho (HARVEY, 2016, p.114-115).

Estas transformações trouxeram a simplificação de certas partes da indústria, a luta por status e reconhecimento de qualificações do trabalho e do trabalhador, a competição, o desaparecimento de profissões, a criação de barreiras para a organização dos trabalhadores, a interdependência econômica de diversas populações e o surgimento de uma divisão internacional do trabalho, que cada vez mais, avança rumo a uma nova sociedade e a uma nova configuração do espaço geográfico.

Também está claro que a complexidade crescente na divisão do trabalho abre espaço para novas vulnerabilidades. Pequenas perturbações numa cadeia de suprimentos podem ter grandes consequências. Uma greve numa fábrica que produz peças automotivas fundamentais em determinada região pode interromper todo o sistema de produção do mundo (HARVEY, 2016, p. 121).

A complexidade crescente no sistema de produção e da divisão do trabalho traz modificações do trabalho e do ofício, levando a industrialização e a maquinofatura dos itens que antes, produzidos por trabalhadores especializados a uma nova cadeia produtiva e de suprimentos que devem ser fornecidos aos trabalhadores, alterando as cadeias de suprimento globais.

3.2 Industrialização e maquinofatura

Como apontado nos diferentes modos de produção ao longo da história, sempre houve a divisão do trabalho, seja no modo de produção germânico com o mestre e o aprendiz ou na sociedade neoliberal, com trabalho mutável, a plataformação e uberização do trabalho. Tal característica levou a modificações na indústria moderna privilegiando determinados trabalhadores e fazendo o seu máximo para excluir outros dos processos produtivos, tornando-os indiferentes em relação ao trabalho.

A indiferença do trabalho corresponde a uma sociedade em que os indivíduos passam com facilidade de um trabalhador ao outro e o trabalho se torna indiferente a longo prazo. Mesmo que diversos trabalhadores se encontrem distantes do trabalho intelectual realizado pelas classes médias, eles se sentem distantes das classes operárias no consumo, ideário e nos valores simbólicos, considerando-se como uma não classe, perto dos capitalistas e outra hora, próxima dos valores da classe trabalhadora.

No neoliberalismo, o trabalho social e a mão de obra são organizados mediante a produção de valores de troca de mercadorias que geram retorno monetário e os trabalhadores, em sua grande maioria, são colocados em posições que não podem realizar nada, exceto continuar trabalhando. Esta relação de trabalho envolve um contrato individual e a

subordinação, colocando o Estado e a Lei como os principais reguladores – além do próprio trabalhador como um regulador para o seu trabalho (HARVEY, 2016).

O controle dos processos entre o trabalho e o trabalhador envolve a entrada do capital na tecnologia e da indústria, que inventa novas formas tecnológicas para melhorar o tempo trabalhado, a disciplina dos trabalhadores, a qualidade da mão de obra disponível no mercado e a mentalidade destes trabalhadores para realizarem determinadas tarefas. Assim, os investimentos realizados nas áreas observadas fazem com que ocorra a substituição do trabalho humano pelas máquinas ao longo do tempo, acentuada na revolução industrial e no taylorismo, acumulando o capital individual e os monopólios existentes.

Os processos de industrialização realizados ao longo do tempo para aumentar a rentabilidade e a acumulação do capital levaram a uma nova reestruturação produtiva, modificando todo o espaço no qual estão presentes, assim como o perfil da classe trabalhadora, levando à redução de empregos em fábricas especializados e ao aumento do desemprego, em contraponto, levou à subcontratação e ao trabalho precarizado, da expansão dos trabalhadores assalariados no setor de serviços, da exclusão de jovens e de idosos pelo capital, à expansão do terceiro setor da economia, à expansão do trabalho em domicílio e à transnacionalização do mundo do trabalho (SILVA, 2014).

No Brasil, a industrialização ocorre em um momento tardio, considerando os países centrais, avançou na década de 1930, colocando a consolidação da indústria como ideologia, desenvolvendo-se ao longo do século XX, indo dos setores tradicionais, como o Moveleiro com a criação de escolas técnicas, até a aeronáutica. Neste processo de industrialização acelerada, fomentada pelos governos ao longo do século XX, levou a regiões de concentração e produção no país, pensando nos custos de transportes, nos principais polos de crescimento e nas regiões centrais, levando ao aumento da urbanização, o ganho de trabalhadores no setor de serviços, a modernização da agricultura e o surgimento de uma nova economia (BNDES, 2012).

No que se diz respeito ao trabalho realizado na madeira pela indústria de transformação, a produção de móveis é feita de forma generalizada, sem ter uma qualidade e durabilidade que já foram cobradas no passado, dificilmente encontrando materiais que se adequem a um padrão de qualidade. Por isso, o trabalho das marcenarias continua sendo utilizado por pessoas de diferentes classes sociais, já que oferecem uma qualidade diferente daqueles de produção em escala industrial (SEBRAE, s.d. 2018).

Para o desenvolvimento do trabalho artesanal, vinculado à manufatura, Sennett (2009) retrata a importância de pensar nos termos das guildas/corporações, pensando na “oficina residência” e como a produção artesanal era feita de forma familiar e residencial, com relações

de confiança e respeito adquiridas ao longo do tempo entre o mestre e seu aprendiz. O trabalho realizado nestes recintos é metade artístico e metade fim de si mesmo, e, se cobra a maestria do trabalho, a posse do instrumento de trabalho, da mão de obra e a sua organização.

O trabalho manufaturado e artesanal é propriedade do trabalhador, sendo ele considerado um trabalhador livre, realizador de um trabalho objetivo e vem da indústria rural. Marx (2011) afirma que o próprio instrumento de trabalho já é um produto do trabalho, sendo o comportamento sobre as relações de produção do trabalho como propriedade, em que o trabalhador se põe como proprietário do instrumento, ou seja, o trabalho como propriedade e o sujeito trabalhador como condição para a transição futura do capital.

Marx (2011) aponta que a maestria do trabalho artesanal pode chegar a excluir a possibilidade de acumulação do capital, visto que o capitalista deve se colocar como proprietário do trabalho. Além disso, o trabalho manufaturado requer uma concentração de forças de trabalho e forças da natureza, em que, qualquer uma das duas pode ser produzida em massa, porém, quando chega no trabalhador artesanal, tem-se a redução do ritmo de trabalho. Já no artesanato semi-artístico, sendo aquele que combina a habilidade do trabalhador, os instrumentos utilizados e a máquina, tem-se o tempo do trabalho absoluto como condição para que o trabalhador produza o produto do ofício em tempo necessário, sendo remunerado ao final da produção.

Marx (2011) aborda que o capital se comporta de forma diferenciada para que se tenha a destituição do trabalho artesanal, visando dissolver a longo prazo as formas na qual o trabalhador é proprietário da habilidade necessária para a produção de determinado item, assim ele dissolve: 1) o comportamento em relação à terra como condição natural de produção; 2) as relações em que o trabalhador é proprietário do instrumento de trabalho; 3) os meios de consumo necessários para viver como produtor; 4) os trabalhadores e as suas capacidades de trabalho vivas, já que “para o capital, o trabalhador não é uma condição de produção, mas só o trabalho” (MARX, 2011, p. 409).

No que se refere ao trabalhador, o patrão fala: “O trabalhador recebe aquilo que é justo”, mas o trabalhador tem o seu consumo limitado pelo capitalista, modificando a sua capacidade de troca, o seu salário e desejando que os trabalhadores de outras empresas consumam a sua mercadoria, tornando-os consumidores do seu produto. Ou seja, o capital põe o trabalho excedente como condição necessária e o valor excedente como limite para o trabalho objetivado, tornando a capacidade de trabalho como um centro de troca, e ao mesmo tempo, o capital vai limitar o consumo do trabalhador ao necessário para a reprodução da sua capacidade

de trabalho, limitando a capacidade de troca do trabalhador, reduzindo o trabalho necessário e o excedente que não é vantajoso ao capital (MARX, 2011).

A longo prazo, o trabalhador não consegue consumir aquilo que produz e tem que consumir os produtos feitos pela indústria, que têm uma qualidade reduzida perante ao trabalho artesanal ou semi-artesanal, produzido pelas grandes empresas.

As grandes empresas, por conseguinte, querem altos lucros e cobram os trabalhadores para maximizarem o seu tempo, com altas taxas de produtividade, redução dos custos dos trabalhadores e flexibilizando os contratos de trabalho, impondo a terceirização dos empregos e o aumento das jornadas de trabalho prolongadas (mesmo que a legislação informe determinada jornada), apenas aumentando o contingente de trabalhadores, sendo benéfico para o próprio capital (ANTUNES, 2006).

Na contemporaneidade, afirma-se que o trabalho rotineiro e mal remunerado será eliminado e o trabalhador qualificado permanecerá em nossa sociedade, entretanto, Harvey (2016) identifica que a automação virá principalmente nos trabalhadores mais bem pagos, e a inovação tecnológica desmedida levará a sérios problemas, incluindo a reprodução do próprio capital. As tecnologias, a cada dia que se passa, são visíveis em trabalhos mais bem remunerados, ao contrário de profissionais denominados ‘peões’ ou ‘chão de fábrica’, pois nos dias de hoje, quem tem o interesse de ficar de sol a sol trabalhando?

3.3 O artesanato urbano e a indústria mobiliária no Brasil

Inicialmente, a industrialização no Brasil se deve ao acúmulo de capital devido ao café e às principais atividades industriais a serem desenvolvidas no país começam no estado de São Paulo. Não foi diferente no caso das escolas profissionais que formavam marceneiros. A primeira se iniciou em 1911, na cidade de São Paulo e suas atividades começaram a partir de 1913 (GONÇALVES, 2020). Os relatórios acerca das primeiras escolas de produção de móveis são vagos, entretanto, sabe-se que a grande maioria dos marceneiros vinha de Portugal e outros países da Europa, o que influenciava diretamente na forma e no design dos mobiliários no país.

As casas brasileiras tinham em sua grande maioria mobiliários inspirados na cultura europeia e até 1930, a indústria mobiliária brasileira era quase inexistente, com poucas fábricas destinadas à produção de mobília no país. Muitas das casas vinham com móveis destinados à longa duração, por serem importados, entretanto, houve a paralisação das importações no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Assim, a produção de mobília nacional começou a ganhar características próprias no período modernista do país, mas, abordadas principalmente após 1940 (BLEICH, 2016).

A indústria mobiliária no Brasil teve um impulso com a Semana de Arte Moderna e a criação de escolas de ofício para a marcenaria no Brasil, profissionalizando esses trabalhadores. Marx (2011) aborda que o artesanato urbano é baseado na troca e na criação de valores de troca e sua finalidade principal é a subsistência como artesão, logo, valor de uso; não é enriquecimento, pois não é valor de troca. Todavia, a produção em todos os lugares está destinada a um consumo pressuposto e dentro das relações de trabalho artesanais atuais, vemos a produção capitalista e a questão do valor de troca sendo associados.

Ou seja, quanto mais força de trabalho é acumulado em um produto, mais ele vale, pois leva em consideração a força de trabalho, a destreza média do trabalhador, o grau de desenvolvimento da ciência, a aplicação tecnológica, a organização do processo de produção, volume, eficácia dos meios, às condições naturais, o tempo de duração e o tempo de trabalho médio necessário ou socialmente necessário para produzir o valor de uso.

Em *O Capital* (2023), Marx fala que o trabalho também expressa duplo caráter, pois, quando se expressa como valor de troca – uma relação quantitativa entre valor de uso, que muda através do tempo e do espaço, não tem as mesmas características de quando pertencem como gerador de valor de uso – que só se realiza com a utilização e consumo, não dependendo da quantidade de trabalho empregada, muitas vezes, satisfazendo necessidades particulares.

No contexto produtivo, o marceneiro se diferencia dos outros profissionais envolvidos no processo como os carpinteiros, pois utiliza madeiras mais maleáveis e macias, típicas para os pequenos entalhes e os torneados; preocupa-se mais com a beleza dos materiais e com o acabamento delicado e, em geral produz mais objetos de peças decorativas e móveis (CASTRIOTA, 2012, p. 121).

O marceneiro é uma profissão que tem a sua denominação vinda através da confecção dos objetos de madeira de pequenos tamanhos e móveis, tendo o processo de fabricação, montagem e reparação do mobiliário, que exige técnicas específicas para a sua montagem com o uso de ferramentas manuais ou mecânicas, além do uso de máquinas e ferramentas essenciais para a produção deste trabalho.

“Fabrico, montagem e reparação de mobiliário diverso e outros artigos de madeira, partindo, normalmente, de modelos, desenhos ou outras especificações técnicas, utilizando ferramentas manuais ou mecânicas e recorrendo ao auxílio de máquinas-ferramentas, prevalecendo sempre a intervenção pessoal do artesão” (CEARTE, 2015, p. 8).

Segundo o Sebrae (2018), exercer a atividade da marcenaria requer algumas características como qualificação no manejo da madeira, criatividade e paciência, para que, durante a execução do projeto, a maestria responda ao que foi solicitado sem perder a qualidade

e sua essência. O objetivo principal da atividade é transformar, com delicadeza e arte, madeiras em móveis, cujo caráter é utilitário.

A reestruturação produtiva brasileira mostra que as novas políticas neoliberais vêm aumentando tanto para os setores informais e as áreas autônomas, os quais o setor informal não é apenas uma pequena força de trabalho que atua, mas sim, o principal setor que cede ao comando do capital, sendo incentivado devido ao lucro e à facilitação para a acumulação de capital (THOMAZ JUNIOR, 2010).

Este estudo engloba do trabalho domiciliar à camelotagem e até mesmo ao artesanato urbano, os quais constituem o enfoque principal. Muitos falam da falta de necessidade de registro em carteira e, por isso, aumenta-se o número de microempreendedores individuais (MEIs) na sociedade, pois não se tem setores na sociedade que pregam sobre essa área. Assim, é necessário verificar quais são os trabalhadores que sobrevivem mediante a sua força de trabalho e as formas de precarização, quais têm autonomia, se eles são proprietários ou não dos meios de produção mesmo na informalidade e se vivem de forma precária no espaço (THOMAZ JUNIOR, 2010).

Por conseguinte, o artesanato urbano no Brasil sofre grandes modificações no que se diz respeito às transformações que podem ser feitas no material de trabalho dos marceneiros – a madeira. Apesar da relação entre a arte e a técnica presentes, o uso da madeira de lei acaba por ter um alto valor de custo de produção e o elevado padrão X grande volume de consumo existente na sociedade não possibilita a frequente produção de móveis em madeira, pois isso interferia nas leis ambientais atuais. Tais características levam a indústria mobiliária no Brasil a outros rumos, com a interferência da tecnologia, da química e da biologia na produção de artigos mobiliários.

4 CAPÍTULO 2

4.1 A Rede urbana e a escala de trabalho das pequenas cidades

O processo de urbanização no Brasil é marcado a partir do século XIX, quando a rede urbana tem uma produção, circulação e consumo que passam a ocorrer de forma efetiva, porém, as formas desiguais de espaço-temporalidade e a criação de novos centros urbanos, além da integração do mercado nacional. A rede urbana, definida por Corrêa (2006) de forma sucinta, se refere ao conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si, sendo um reflexo e uma condição para a divisão territorial e social do trabalho.

No Brasil, a rede urbana tem a presença de ferrovias, rodovias, aeroportos e portos, que interligam o território de Norte a Sul. Até 1960, as redes urbanas apresentavam uma inércia geográfica, tornando-se mais complexa após a densa urbanização brasileira, intensificada por conta do êxodo rural. Estas redes podem ser analisadas por diversas dimensões organizacionais, segundo agentes sociais, origem, natureza dos fluxos, função, finalidade, existência, construção, organicidade, forma espacial, etc.

Corrêa (2011) indica que as redes urbanas, até 1960, tinham uma pequena complexidade funcional dos centros urbanos, que se localizavam como lugares centrais, com duas metrópoles nacionais destacadas, sendo o Rio de Janeiro e São Paulo, além das metrópoles regionais consolidadas, em formação, capitais regionais, centros sub-regionais, centros de zona e centros locais. As suas interações eram principalmente regionais, vinculadas às redes ferroviárias regionais e à navegação de cabotagem (articulando as cidades interregionalmente) e os bancos, estruturados em redes regionais e atuavam na hinterlândia das metrópoles, condicionando a organização da rede urbana em células regionais pouco integradas entre si. Por último, os padrões espaciais indicados na rede urbana até 1960 envolviam o padrão dendrítico (mais notável nesse período) e o padrão christalleriano mais na região Sudeste.

Não obstante, os principais elementos das redes urbanas a serem considerados são: a gênese dos núcleos urbanos, as funções que eles desempenham, a dependência de determinados produtos, o sítio urbano, a paisagem urbana, a ampliação do número de centros da rede urbana, o padrão espacial da rede, os diferentes agentes sociais no processo produtivo e as articulações nos espaços exteriores à rede.

As cidades, na rede urbana, apresentam funções articuladas, tornando-se desiguais e integradas devido aos centros de acumulação de capital, cujos eventos de determinados agentes sociais, além das grandes corporações multilocalizadas, alteram as realidades impostas destas redes, tornando-se agentes da gestão do território a partir das práticas espaciais feitas por elas, que impactam nas esferas econômica, social, política e cultural, além da organização espacial.

Leva-se em consideração o desenvolvimento dos centros urbanos e de hinterlândias, além da articulação destes centros urbanos e suas funcionalidades. Algumas destas cidades podem ter papel de intermediação para a gestão da rede urbana nacional, fazendo parte da divisão internacional do trabalho. As cidades competem umas com as outras em contextos hierárquicos, gerando desigualdades, que, inseridas nas redes urbanas, variam conforme o tamanho, a densidade dos centros urbanos e a especialização destes.

Conjuntamente, as pequenas cidades são numerosas e organizadoras de pequenos centros de economia de mercado, que geram trocas fundamentais na divisão territorial do trabalho. Grande parte dos pequenos centros urbanos se originaram no passado, criados no período pré-globalização e tiveram dificuldade para se adaptar a uma rede mais competitiva articulada mundialmente. Ao longo dos anos, algumas dessas pequenas cidades perderam a sua centralidade e as funções centrais não a ligam diretamente ao campo, devido à alteração da estrutura agrária, à diminuição da densidade demográfica, com redução da oferta de bens e serviços. As atividades que beneficiam essas cidades pequenas envolvem os produtos rurais (como na região produtiva do Sul de Minas Gerais, ligado ao café) e o comércio atacadista, levando em consideração que o tempo de trabalho necessário para a fabricação de um produto abrange a rede de transportes nas quais estão inseridas, envolvendo os custos de circulação e a lógica produtivista constituída dentro das cidades.

Articulando com o tema, é importante considerar o processo migratório advindo do êxodo rural, com a saída da população do rural para o urbano e, por consequência, a alteração dos processos produtivos e das formas de trabalho vem a ocorrer, saindo do artesanato rural para a manufatura urbana, que foi produzida para os grandes centros urbanos em busca de atividades e empregos mais efetivos. Para os moradores das pequenas cidades, é importante levar em consideração que atravessar espaços urbanos custa tempo e dinheiro, envolvendo custos de transporte. É importante destacar que nas pequenas cidades também há locais de implantação ao longo dos anos de indústrias poluentes, estas empresas, em sua maioria, vieram dos grandes centros que tinham organizações sindicais e o surgimento de políticas urbanas mais restritivas que alteraram o contexto dessas cidades.

Apresentam um pequeno povoamento em que a população também está inserida em atividades econômicas relacionadas à indústria de transformação, à circulação de mercadorias e à prestação de serviços. Os principais núcleos urbanos de pequeno porte constituem a função de sedes municipais e são bem definidas de acordo com o grau de centralidade e tamanho demográfico, apresentando hinterlândias com cidades de pequeno e médio porte e confluência entre o urbano e o rural. Estas redes têm como principal foco a sua hinterlândia e muitas

apresentam uma diferenciação do ponto de vista funcional, com facilidade para identificar as áreas agrícolas. Muitas cidades com menos de 50 mil habitantes perdem a sua centralidade no que envolve as relações espaço-temporais, diferindo das grandes cidades que apresentam núcleos centrais bem formados e articulados, com alta prestação de serviços (CORRÊA, 1989).

A nova configuração da rede urbana brasileira envolve centros industriais especializados e diversificados, cheios de dinamismo, com regiões de grande urbanização – é o caso da metrópole paulista e dos eixos urbanizados da região Centro-Sul, estruturando uma rede mais complexa de múltiplos circuitos. Além disso, a rede urbana é cada vez mais cercada de amplos espaços vazios ou sub-ocupados, com cidades mais autônomas do campo, considerando as esferas de produção, circulação e consumo dessas redes de lugares centrais e os agentes locais e regionais que reestruturam a rede urbana (CORRÊA, 2011).

O marceneiro, nesse ínterim, trabalha em um espaço que é constituído de valor e a presença em uma pequena cidade tem maior profundidade no que se refere às relações de clientelismo que se tornam mais visíveis, devido à divisão territorial do trabalho e a especialização das cidades, onde pequenos municípios têm menos vantagens competitivas em relação às cidades maiores, que ampliam a sua polarização às cidades pequenas e as articulações feitas entre as cidades (CORRÊA, 1989).

4.2 A espacialização da marcenaria nas pequenas cidades

Espacialmente, a sociedade brasileira apresenta uma divisão territorial que reavalia local e ecologicamente os centros urbanos e as regiões, nas quais têm-se a presença das elites locais que realizam mudanças na circulação geral dos transportes da cidade ou região, na organização empresarial e na industrialização municipal ou regional (CORRÊA, 2006).

Os pequenos municípios, em sua grande maioria, apresentam especificidades produtivas, gerando em menor ou maior grau centros urbanos que diferenciam funcionalmente as cidades inseridas na rede urbana, modificando o contexto regional, nacional e global devido à combinação das funções centrais decadentes ou em expansão constante construídas ao longo do tempo (CORRÊA, 2006).

Ao retratar o alcance espacial dos trabalhadores de Muzambinho – MG, é apresentado a rede de transportes no que tange à mobilidade destes trabalhadores dos pequenos municípios, interligando as cidades e modificando a forma na qual estão estruturadas, tornando complexos os processos de análise situacional do que são. Grande parte das empresas que atendem os marceneiros de Muzambinho, no que se refere à distribuição de mercadorias, está distribuída de forma organizada no sul de Minas e no norte paulista, pensando nos impactos para a

implantação regional de pólos de distribuição, as vias nas quais as cidades estão conectadas, as relações clientelistas, a influência das elites locais e o custo para a distribuição destes materiais.

Como determinado de acordo com Corrêa (2006), os pequenos municípios são geradores de pequenos centros urbanos e economias de mercado, modificando as trocas na divisão territorial do trabalho. Dessa maneira, até que os materiais produzidos pelas grandes indústrias cheguem à cidade, eles deverão depender de uma rede de transportes interligada nacionalmente, alterando a estruturação das cidades e chegando a modificar a localização de determinados bairros. Essas empresas fornecem equipamentos e sofisticação tecnológica para as marcenarias, que inseridas no contexto de produção industrial, modificam parte do seu processo de produção ligados às indústrias química e biológica.

Nas cidades sul-mineiras, caracterizadas como uma das principais redes urbanas de pequenas cidades do país, boa parte da produção das marcenarias é feita em um sistema de fabricação artesanal. Entretanto, a presença de empresas semi-automatizadas é importante no contexto, pois Galinari e Teixeira (2015) afirmam que grande parte do setor moveleiro no Brasil contém empresas de micro e pequeno porte, o que altera grande parte da produtividade feita por este setor no Brasil.

Desta forma, a espacialização das marcenarias no município de Muzambinho é parecida com outras de pequenas cidades. Amorim Filho (2007) indica que as atividades nobres não estão, em sua maioria, concentradas nos centros das cidades e, geralmente, estão presentes na transição do urbano para o rural ou inseridas em centros morfofuncionais, não observáveis nos eixos fundamentais de localização, pois as principais zonas elementares ficam próximas das marcenarias, como é observado na cidade de Muzambinho, onde a área comercial da cidade se mistura com a residencial; entretanto, as marcenarias não estão concentradas na região central da cidade.

As cidades, em sua grande maioria, têm tendência de absorver a rede fundiária presente no campo, alterando as relações de produção existentes. Isso implica ainda mais a cidade de Muzambinho que, com sua expressiva ruralidade, nem sempre consegue absorver a renda gerada pela produção agrícola, pois os produtos ofertados são limitados e, no caso das marcenarias, além dessa limitação, ainda existe a limitação da mão de obra presente no município, que a cada ano se reduz significativamente, como será abordado na perda de identidade e esvaziamento da profissão.

Além da questão da mão de obra que é reduzida ao longo do tempo, é importante ressaltar em qual escala produtiva estes trabalhadores estão inseridos, principalmente, no que tange à madeira, divididos em certos passos:

1. A produção de um móvel se inicia com um Serrador, aquele que corta a madeira na mata.
2. Logo após, a madeira é encaminhada para o Engenho de Serra, onde a tora de madeira cortada pelo serrador está presente. Em média, ela leva de quatro a cinco anos para secar, caso não for para uma estufa de secagem de madeira, que acelera o processo de secagem.
3. Assim, a madeira que foi para uma estufa é transportada até uma madeireira, que realiza o corte das toras e a sua separação de acordo com o tempo de chegada. Na madeireira, a madeira ainda passa por outro ciclo de secagem antes de ter a sua distribuição feita para os carpinteiros e marceneiros.

Quando chegamos nas duas categorias de trabalho (carpinteiros e marceneiros), destacam-se as particularidades de cada profissão. No que diz respeito aos carpinteiros, eles geralmente são os trabalhadores que utilizam da madeira para fazerem o acabamento das casas, telhados, estruturas de madeira, entre outros. Já os marceneiros são aqueles que fazem os móveis, em geral.

Entre os marceneiros, temos os entalhadores, os lustradores e os laqueadores.

- O primeiro é caracterizado por realizar o acabamento ‘fino’ da madeira, que os marceneiros chamam de arte na madeira;
- Os lustradores vão aplicar o verniz, deixando a madeira com um aspecto brilhante e conservando a textura e o brilho do móvel;
- Os laqueadores são aqueles que trabalham com laca, uma espécie de tinta que pode ser aplicada na madeira e não modifica a sua estrutura.

Dessa maneira, apenas ao final deste processo produtivo que um móvel de madeira chegará ao consumidor final, sendo um processo longo e que leva anos para ocorrer.

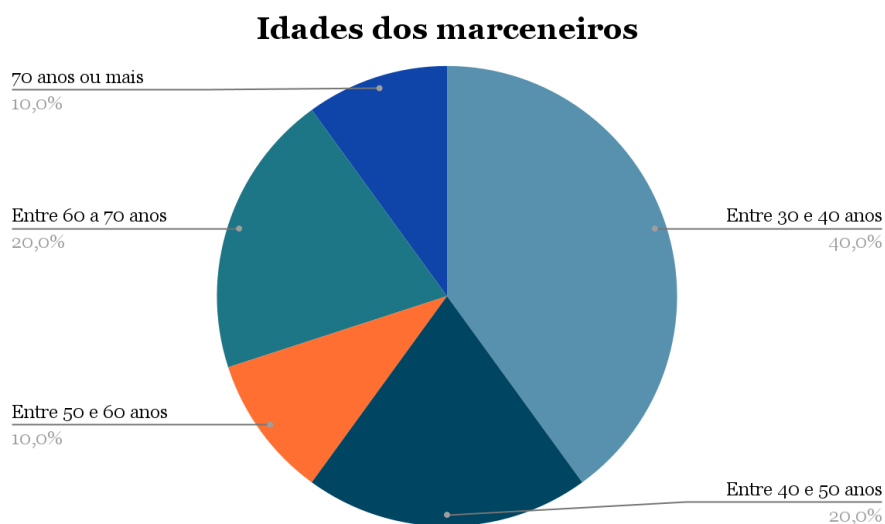
Figura 8: Fluxograma da escala produtiva dos marceneiros



Fonte: autora

De acordo com as entrevistas realizadas em campo, a amostra feita em grupo demonstra que muitos marceneiros estão em idades próximas de se aposentarem e a maioria tem mais de 30 anos, denotando o envelhecimento destes trabalhadores ao longo do tempo. É importante considerar que nenhum dos marceneiros entrevistados é aprendiz e que todos eles já passaram pelo período de aprendizagem da profissão, conforme exposto na Figura 9.

Figura 9: Idades dos marceneiros



Fonte: autora

Considera-se também que o período para o aprendizado do ofício se altera mediante cada profissional. A maioria estima que, em um período de cinco anos, os trabalhadores já estarão qualificados o suficiente para serem considerados marceneiros. Aqueles com mais tempo de profissão falam que depende do tempo de cada um para aprender e um marceneiro ressalta que seria, no mínimo, dez anos para se aprender a profissão e que neste período, o profissional aprenderá não apenas a trabalhar com madeira, mas também com MDF, MDP, Fórmica, etc.

Como a atividade de ofício do marceneiro demanda um tempo de experiência necessário para se adquirir o conhecimento, e a mão de obra na área se torna cada vez mais escassa, os serviços ofertados por este profissional são reduzidos e a oferta é menor do que se espera. Por isso, é comum que os clientes que comprariam os produtos fornecidos pelas marcenarias comprem móveis de fora da rede urbana na qual Muzambinho está inserida, indo atrás de lojas de grande porte e de móveis da internet, já que, como a circulação e o transporte melhoraram em eficiência, as cidades com maior capacidade de produção em grande escala conseguem absorver a demanda que é gerada pelas pessoas das cidades pequenas.

4.3 A obsolescência programada e as lojas de rede

Harvey (2016) retrata que na história e lógica capitalista há a existência de cinco imperativos tecnológicos dominantes:

- A organização e cooperação das divisões do trabalho para maximizar a eficácia, lucratividade e acumulação;
- Presença da necessidade de facilitar a aceleração da circulação do capital em todas as suas fases;
- A “destruição do espaço pelo tempo”, e suas diferentes revoluções tecnológicas, que encurtam o tempo de circulação do capital na produção, no mercado e o tempo de vida dos produtos de consumo;
- O aumento das tecnologias de produção e disseminação do conhecimento, com grandes bancos de memória sobre desemprego, déficit comercial, atividade industrial, etc;
- As finanças e o dinheiro como um domínio crucial para o funcionamento do capital e o controle do trabalho e das mãos de obra.

Tangencialmente, a obsolescência programada envolve este aumento tecnológico da produção, distribuição e consumo acelerados dentro da lógica capitalista, não valorizando a qualidade e o desempenho que o móvel deveria deter. O critério de produção adotado pelas

grandes empresas envolve o uso da tecnologia necessária para o modo de produção industrial do momento e faz com que se surja um novo trabalhador na escala de produção, o moveleiro e o montador de móveis.

O moveleiro é aquele que trabalha com o MDF, HDF, MDP, etc. Ele, como trabalhador deste setor, não detém as técnicas necessárias para se tornar um marceneiro, pois não conhece o cheiro, o como pegar a madeira, estando envolvido no processo da obsolescência programada e o artificialismo presente nestes novos materiais usados pela indústria. O montador é aquele que, envolvido na distribuição industrial, apenas monta os móveis quando chegam na casa da pessoa. Neste processo de fabricação, ele não conhece nada do processo produtivo de um móvel, apenas sabe utilizar as ferramentas, como a parafusadeira.

Por consequência, as grandes empresas de insumos ao setor moveleiro fornecem materiais ligados à indústria química e biotecnológica, que realizam modificações para reproduzir diferentes texturas e padrões da madeira em compensados, desenvolvendo materiais como o MDF (produzido através da madeira triturada e a resina), o HDF (fibras de madeira, parecidas com o MDF, porém, tem mais pressão e densidade em sua composição), o MDP (uma mistura de papelão prensado com serragem e bagaço de cana) e a Fórmica (resinas juntamente com papel kraft).

Neste processo de produção, as marcenarias e as empresas de móveis planejados apresentam uma sofisticação tecnológica característica do novo modelo industrial existente, misturando diferentes tipos de madeira, papel e resinas que adquirem características como o toque texturizado, a mistura de linhas naturais e foscas, o toque quente e aveludado, o relevo quente e suave e a facilidade de limpeza. Algumas das linhas também apresentam menor absorção de umidade, o que é uma propriedade interessante, visto que a madeira tem tendência a inchar, se não tiver manutenção, conforme o contato com a umidade e a água.

A longo prazo, o artificialismo da madeira é cada vez mais presente. As indústrias que realizam esse processo de fabricação planejam e estruturam cada um dos materiais que serão utilizados pelos moveleiros e marceneiros. É importante ressaltar que, com os marcos regulatórios ambientais existentes, tornou-se cada vez mais complexo o processo do fornecimento de madeira de forma legalizada, e por isto, os marceneiros que ainda utilizam a madeira e não as resinas, compram de antigas fazendas com casas ou partes que estão desmoronando, pois são feitas com madeiras de lei e podem ser restauradas.

Os marceneiros entrevistados, em sua grande parcela, acreditam que não há competição entre o trabalho que realizam (o de marcenaria) e as lojas de redes no mercado, pois aquele que procura a marcenaria quer peças de madeira ou MDF e quer algo personalizado e nichado, a

exclusividade e por isso, ele está disposto a pagar o preço mais elevado. Como as lojas de rede produzem algo que será vendido rapidamente, não se espera durabilidade, pois o comprador sempre voltará para consumir novamente algum móvel, já que a tendência dele é estragar ou esfarelar ao longo do tempo.

Os marceneiros consideram o móvel como algo planejado e de alto-padrão e, por ele ser planejado, deve seguir muitas modificações feitas ao longo do tempo, de acordo com o ritmo e o gosto que o cliente deseja. Atualmente, o surgimento de tendências, que inovam constantemente os gostos dos consumidores, tem materiais que são modificados anualmente, assim como as alterações químicas, além dos novos artigos a serem coletados e descobertos pelo público-alvo destes profissionais, que atendem pessoas da classe média-alta para a classe alta.

A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. (ENTREVISTA 03)

O MDF é considerado um material moderno, leve e de fácil manutenção diária e a maioria dos profissionais também o consideram como mais simples de se trabalhar, pois não exige o conhecimento técnico e a prática necessária para o seu manuseio. A construção de um móvel, como apontado na realidade experimentada, é muito mais do que o projetar, cortar e montar. É necessário reconhecer o cheiro, a cor, a sensibilidade, tendo a percepção daquilo que produz, porém, o uso de materiais tão diversificados, acaba retirando essa habilidade adquirida pelos profissionais.

Então, tenho um marceneiro, um jovem, uma pessoa para se tornar um marceneiro e trabalhar com madeira ele, talvez, vá demorar aí uns cinco anos para se tornar um bom marceneiro, se tiver boa vontade, se tiver conhecimento e gostar da profissão. Para trabalhar com MDF eu acredito que em seis meses, no máximo um ano, a pessoa já se torna um bom profissional porque o MDF já é um produto bem mais fácil de trabalhar e não exige tanto conhecimento de marcenaria. (ENTREVISTA 03)

Importante ressaltar que o Brasil é um dos maiores produtores de madeira reconstituída do mundo e tem a presença de empresas de notoriedade internacional no ramo. Os catálogos feitos anualmente, contendo as introduções de novos materiais e cores, são modificados com grande facilidade mediante os pedidos do público, além das tendências que serão utilizadas ano após ano. Abaixo estão alguns exemplos de catálogos observados a longo prazo.



Imagens retiradas dos catálogos de distribuição fornecidos pelas empresas Greenplac, Fórmica, Guararapes e Eucatex. Fonte: autora

Considerando o público-alvo destes profissionais, é primordial pensar quais classes sociais são atendidas por este ofício, já que é um serviço personalizado e nichado, ou seja, o valor cobrado será mais elevado. A clientela é aquela que pode pagar e que quer um atendimento e móvel personalizado. Esse cliente pensa no serviço personalizado, na fixação, no luxo, no conforto e na durabilidade e, por isso, as classes atendidas não serão de baixo poder aquisitivo.

4.4 A espacialização do trabalho no caso das marcenarias e sua clientela

Muzambinho, como a cidade foco deste trabalho, apresenta marcenarias localizadas em diferentes bairros e a sua clientela é ainda mais diversificada, estando em toda a cidade e região imediata, o que constitui o seu alcance de trabalho. As cidades ao longo da rede urbana sul-mineira, se veem afetadas pela distribuição espacial dos marceneiros e pela mobilidade que devem exercer por conta do seu emprego.

No caso da clientela dos marceneiros, como referido, ela está inserida em diferentes bairros, indo da classe média até a classe alta do município (como os condomínios e nos bairros Jardim Europa e Jardim Primavera), porém, o público-alvo da cidade não é tão específico, pois muitas pessoas juntam dinheiro a longo prazo para realizar determinado móvel, enquanto outros têm um maior poder aquisitivo, e adquirem o material com mais facilidade. Assim, os marceneiros vão onde “se tem o dinheiro para trabalhar”.

Não tem um bairro específico para trabalharmos na cidade, porque isso seria muito de bairro. O bairro geralmente dura pouco e a profissão da gente dura muito e o bairro com pouco tempo já enche de casa e fica bem diversificado. No meu caso, muito diversificado na cidade de Muzambinho e na região, já temos uma grande clientela na rede das cidades da região. (ENTREVISTA 02)

Como afirmado por um dos profissionais, a composição socioeconômica dos bairros mesmo nas pequenas cidades é mutável e as alterações e reformas feitas pelos marceneiros são realizadas a longo prazo. Um móvel, feito por um marceneiro, deve durar muitos anos se for bem conservado e o espaço urbano, mesmo em uma pequena cidade, reproduz-se e modifica constantemente.

Entretanto, essas relações entre marceneiro-cliente são modificadas constantemente, pois o consumismo individualizado no setor altera as percepções de valor que cada um detém. Determinado cliente pode considerar um móvel caro e outro barato. Por consequência, a marcenaria acaba por se tornar um ramo de nicho que se adapta às relações de classe presentes no mercado, ou seja, os consumidores finais.

Galinari e Teixeira (2013) ressaltam que os principais canais de distribuição moveleira no Brasil são feitos através de três vertentes: pelas redes varejistas e magazines, que fornecem produtos populares e tem uma grande rede de fornecedores; pelas lojas especializadas, com empreendimentos de pequeno porte pelo território nacional e as lojas monomarcas. Assim, os consumidores finais podem permanecer na cidade ou sair do município, buscando uma melhor qualidade de serviço, atendimento ou a questão do custo-benefício. Sendo uma consequência desse processo, a distribuição espacial tanto da classe social da clientela quanto das marcenarias envolvidas neste circuito.

A indústria aparece a partir da classe A, na qual o modelo de negócio predominante é o de móveis planejados: nesse caso, o consumidor vai a uma loja, onde um profissional especializado lhe propõe uma solução funcional e estética que, respeitadas as possibilidades existentes no catálogo da empresa, tenta oferecer um produto personalizado. Esse é também o modelo que predomina na classe B, embora com produtos que começam a buscar certo equilíbrio entre custo e benefício, normalmente sacrificando mais o luxo do que a qualidade dos componentes. É na classe C que o equilíbrio entre custo e benefício assume o papel central na decisão de compra, e é aqui que as lojas de móveis seriados (ou seja, produzidos em larga escala, sem personalização) começam a dividir espaço com o segmento de móveis planejados. A partir da classe D, o modelo de móveis planejados se torna de difícil sustentabilidade, cedendo espaço não só ao pulverizado varejo das lojas especializadas quanto às grandes redes varejistas, como Casas Bahia e Magazine Luiza, que por sua vez também tentam atender tanto ao segmento DE quanto ao C e, eventualmente, ao B. (GALINARI; TEIXEIRA, 2015, p. 250)

Como discutido, a clientela atendida envolve as pessoas das classes mais altas, que modificam essas relações de produção, porém, os principais consumidores dos móveis estão na classe C. Os móveis adquiridos por pessoas de classe média-alta e classe alta geralmente são

assinados por designers ou aqueles feitos de forma planejada e nem sempre estes produtores procuram a relação de custo-benefício, muitas vezes, eles podem ir atrás do luxo dos componentes presentes na mobília. Conforme a classe social vai se modificando na estrutura social, ocorre que a partir da classe D, torna-se cada vez mais difícil ter um móvel planejado dentro da casa e os produtores vão atrás das grandes redes varejistas.

A clientela da classe média-alta e classe alta também busca por experiências e o diferencial oferecido envolve o atendimento, o boca a boca, o quão exclusivo é algo que pode ser oferecido e qual o diferencial que o trabalho/serviço pode oferecer para um cliente. A experiência para estas pessoas é o que muitas vezes vai influenciar na decisão de permanecer em uma empresa ou não, e apesar das indicações feitas entre clientes, muitos têm a opção de não permanecer no local indicado.

Internacionalmente, o mercado moveleiro é diferente do brasileiro, mas mesmo assim, as marcenarias se veem afetadas por esse mercado de alto consumo que as empresas de grande produção global detém, contando a terceirização e a subcontratação de montadores realizadas pelas empresas de distribuição.

Muitos dos clientes vão das redes urbanas de hierarquização simples e até elementares, enquanto outros consumidores começam a comprar produtos de fora da rede urbana imediata, apontando para um padrão mais complexo da rede, pois as cidades maiores têm circulação e transporte mais abrangentes, acabando muitas vezes, por reduzir as interações e, portanto, a centralidade, das cidades menores.

4.5 A perda da identidade de marceneiro e o esvaziamento da profissão

Ao longo do tempo, a racionalidade produtividade, com a crescente especialização do trabalho e a obsolescência programada, levou à perda de identidade de marceneiro e ao esvaziamento da profissão, modificando a escala produtiva que havia sido construída por séculos. Os trabalhadores artesanais, incorporados ao sistema gerencial e contábil da indústria do século XX, ainda permanecem com suas habilidades, condutas éticas e regras de ofício (PENA; GOMES, 2011), todavia, a divisão social ampliada com a emergência do taylorismo e do fordismo, fez com que os trabalhadores fossem valorizados como parte de uma estrutura complexa que controla o ritmo do corpo, trabalho e saúde dos seres humanos.

Os trabalhadores artesanais executam a sua profissão de forma qualitativa, através da interação entre o conhecimento tácito, a capacitação e a consciência presente, o que envolve um trabalho de boa qualidade que determina o produto e o que ele, como trabalhador, representa

(SENNETT, 2008). Porém, é possível notar que o marceneiro vai perdendo a sua identidade e o seu espaço a cada dia que passa.

A produção se vê ameaçada pela oferta de móveis produzidos em larga escala, a polarização das cidades transforma e altera todas as formas de trabalho – desde o sistema gerencial até o caminhoneiro que faz a distribuição das placas. Os marceneiros, por consequência, perdem a sua autonomia como profissionais e o seu espaço no mercado, condicionados a pequenas produções clientelistas.

O controle e a transformação da natureza pela tecnologia, a perda da habilidade manual por conta das máquinas, a presença da indústria química e a apropriação de recursos faz com que este profissional perca a sua identidade e independência aos poucos e com isso, surgem outras profissões dentro da escala produtiva, que não mais envolvem a realização artística e o perfeccionismo, mas sim, o uso diário, feito para o consumo.

Também, vê-se as condições do trabalho como uma consequência para o esvaziamento da profissão. Os profissionais das marcenarias estão expostos a ruídos, vibrações de alta frequência, a serragem e o pó da madeira (SANTOS; ALMEIDA, 2015). Os trabalhadores, quando expostos a estes fatores podem ter a sua saúde prejudicada a longo prazo, trazendo repercussões para os operários e suas famílias, além de que, é comum que ocorram acidentes com a madeira ou o MDF, não sendo raros os casos de perda de membros, lacerações, intoxicação e infecções secundárias (SANTOS; ALMEIDA, 2015). Estas condições de trabalho podem se tornar insuportáveis e nocivas, e como a jornada e a intensidade do trabalho são altas, muitos profissionais preferem desistir da profissão e migrar para outra que seja mais leve.

Outro fator a ser considerado envolve as relações contratuais. É importante ressaltar que as condições contratuais impostas a alguns trabalhadores podem violar normas trabalhistas, como a falta de pagamento de salário e de insalubridade, o cumprimento de horas extras forçadas e os descontos pela má conduta (atrasos ou resposta ao patrão). Como isso ocorre com determinada frequência, é necessário que o Estado entre com leis reguladoras de segurança e saúde do trabalho para proteger a estes trabalhadores (HARVEY, 2016).

O esvaziamento da profissão também pode ser explicado por fatores sociais, como a divisão do trabalho entre intelectual e bruto/pesado. Por serem trabalhadores manuais, são vistos pela sociedade como menos importantes por não terem o estudo, o chão de fábrica, o peão, e estes trabalhadores, que detêm o conhecimento do processo de produção, dos materiais, do sensorial e do experimental, não são convidados a participar de determinados projetos por serem considerados inferiores a aqueles que têm o ensino superior e muitas vezes, são trabalhadores com conhecimento extremamente incorporado sobre o tema. Não é porque eles

são trabalhadores que ficam horas extenuantes trabalhando diariamente, que são inferiores a aqueles que ficam debaixo do ar condicionado.

A alienação do trabalhador também é algo importante a ser considerado, pois, o trabalhador, ao longo do tempo, vem sendo isolado do seu instrumento de trabalho, vindo a pensar que o capitalismo é o melhor sistema de riqueza e que as contradições existentes nele sempre existiram. A mão de obra, inserida nesse sistema, tem tendência ao isolamento, perdendo a sua vida social a longo prazo. Antunes (2011) discute a condição dos trabalhadores como precarizados e que os tipos de relações e remunerações diferenciadas trazem comparações e competição a longo prazo, não sendo benéfico ao operariado.

Como a alienação do trabalho é recorrente, o desenvolvimento da prática do trabalho manual se torna mais complexo, pois, além do trabalhador ter que conviver socialmente nas relações de artesanato urbano, é necessário que se aprenda a profissão a longo prazo, compreendendo sobre o sensorial (principalmente o olfato e o tato) da madeira, demonstrando a forma na qual o ser humano interage com aquilo que ele trabalha e como a natureza deve ser usada pelo homem.

O carpinteiro sintonizado com a funcionalidade ficará menos preocupado com cada detalhe, sabendo que os pequenos defeitos podem ser corrigidos por parafusos ocultos. Mais uma vez, a questão é concluir o trabalho para que a peça possa ser usada. Para o absolutista que há em todo artífice, a imperfeição é um fracasso; para o profissional, a obsessão com a perfeição pode ser a receita do fracasso. (SENNET, 2008, p. 51)

Gorz (2005) conduz a explicações sobre o trabalho, afirmando que ele não é apenas uma criação de riqueza econômica, sendo um meio necessário para a autocriação e construção da humanidade. Assim, não se deve reduzir o campo e a experiência vivida, separando o produtor do produto, mesmo que ele não saiba o que faz.

Assim, como muitos dos trabalhadores não sabem o que fazem e o que será gerado com o seu trabalho, além disso, montar um móvel não é um processo simples. É necessário que se tenha um projeto inicial, depois a conferência de medidas, a ida para o plano de corte, conferir novamente as medidas e após isso, o processo de montagem. No processo de montagem, é necessário esquadrear o móvel e parafusar, fazer acabamento com cola e fitas e por último, realizar a limpeza. Entretanto, todo o ofício contém erros e o trabalho nunca se repete. No mundo em que vivemos, as relações sociais não aceitam erros, que são vistos como fracasso, pois a chave para isto, é a otimização do tempo dos trabalhadores, que são fragmentados corporativamente e ordenados territorialmente na função operária que realizarão (THOMAZ JUNIOR, 2010).

Figura 14: Uma marcenaria vista por dentro



Fonte: autora

Figuras 15 e 16: Mesas de marceneiro e moveleiro

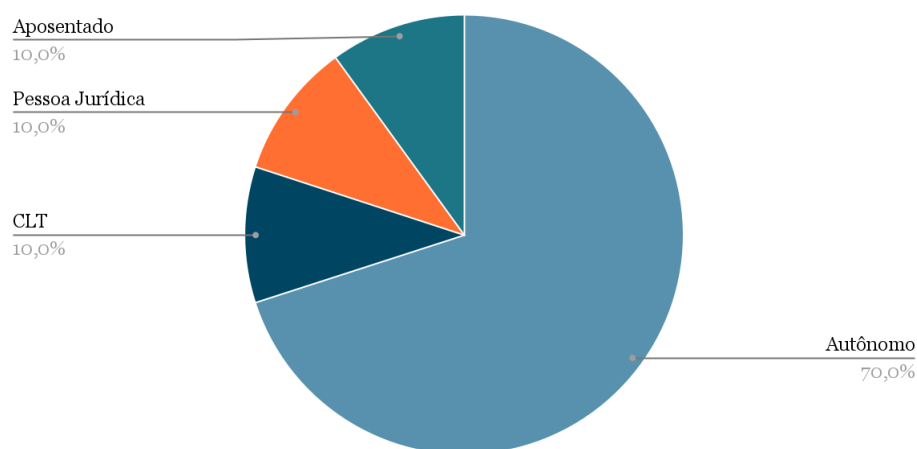


Fonte: autora

O esvaziamento do trabalho, como falado acima, também vem das relações contratuais como ressaltado por diferentes autores. No caso do município de Muzambinho, a maioria dos trabalhadores entrevistados são profissionais autônomos, demonstrando parte da precarização do trabalho, mas também sobre a caracterização do ofício, que por vezes é solitária, como demonstrado no gráfico 11.

Figura 17: Gráfico dos marceneiros entrevistados e suas categorias jurídicas

Marceneiros entrevistados e suas categorias jurídicas em Muzambinho - MG



Fonte: autora (2024)

A tabela 02 demonstra que os trabalhadores envolvidos com a fabricação de móveis de madeira em Muzambinho vêm se reduzindo ao longo dos anos, pelo menos aqueles com carteira assinada. Atualmente, pelos dados adquiridos pelo NOVO CAGED demonstram que se têm apenas quatro marceneiros contratados no regime de CLT no município. Já a tabela 03 demonstra que os trabalhadores da indústria de transformação em Minas Gerais apresentam um aumento no número de contratações, mas que também ocorrem elevados desligamentos.

Tabela 02 – Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Muzambinho

ANO	Admissões	Desligamentos	Total de marceneiros
2020	0	5	2
2021	7	1	8
2022	3	3	8
2023	9	3	14
2024	0	10	4

Fonte: Painel de Informações do novo CAGED (2024).Org.: Autora.

Tabela 03 – Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Minas Gerais

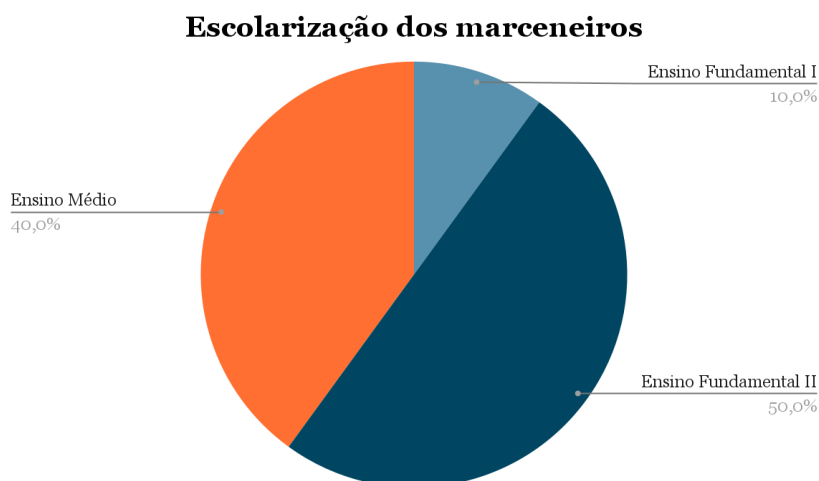
ANO	Admissões	Desligamentos	Total de marceneiros
2020	11.816	11.584	25.636
2021	14.659	12.052	28.243
2022	12.931	13.189	27.985

2023	13.605	13.200	28.390
2024	12.302	11.021	29.671

Fonte: Painel de Informações do novo CAGED (2024).Org.: Autora.

Como salientado na questão da divisão do trabalho, entre o trabalho intelectual e o bruto/pesado, muitos dos trabalhadores podem ser excluídos do processo de produção, muitas vezes, por não terem o ensino superior. Em Muzambinho, a maioria dos profissionais levantados pela amostra tem apenas o ensino fundamental II completo e poucos têm o ensino médio. Nenhum tem ensino superior. Ou seja, a demanda por mão de obra qualificada e com acesso ao ensino é pouca, o uso das máquinas com alta tecnologia é aprendido na prática e se torna cada vez mais difícil encontrar mão de obra.

Figura 18: Gráfico de escolarização dos marceneiros



Fonte: a autora

A técnica, como um dos fatores fundamentais para o trabalho artesanal, é ligada à forma de expressão do profissional e à habilidade manual, tendo a percepção pelo toque daquilo que está produzindo. Os calos presentes nas mãos destes trabalhadores demonstram aquilo que realizam diariamente. Da forma falada anteriormente, não são raros os casos de perdas de membros, machucados ou infecções entre estes profissionais e isto, se deve à falta de uso de equipamentos de segurança, pois muitos afirmam que o equipamento retira o tato, obstrui a visão e a percepção que se tem com o material, trazendo ainda mais riscos para os trabalhadores. Por ser um local com muito pó, é comum que os profissionais tenham rinite, entretanto, eles não colocam máscaras falando que também prejudica a visão e que é normal se acostumar com o cheiro da cola.

Figuras 19 e 20: A presença do pó na marcenaria



Fonte: autora

O trabalho dos marceneiros é voltado para a qualidade daquilo que se é oferecido, pensando na especialização e qualificação destes trabalhadores, que muitas vezes, não têm acesso a cursos para capacitação, tendo que procurar saber através da internet sobre determinados lançamentos e tendo que dar “um jeito” para conseguirem se virar. Muitos se tornam marceneiros também falando: “é isso que eu sei fazer, é esse que é o meu trabalho”. Entretanto, a relação na marcenaria é feita de diferentes formas e feita ao longo do tempo, com a permanência da relação entre mestre e aprendiz. A profissão é muito mais do que se pensa, é o ofício, é aquilo que sabem fazer, é o domínio do corpo e do conhecimento empírico e lógico.

4.6 O futuro da marcenaria e do trabalho artesanal

O trabalho artesanal é algo que exige profissionalismo e disciplina diária, sendo encontrado em qualquer modo de produção e analisado hoje em pequenos grupos especializados, sendo a troca entre um produto desejado, a realização e a entrega de determinado item. O artesão, que é aquele que detém o saber-fazer (know-how), domina os métodos aplicados para as etapas de produção, e o marceneiro, sendo um artesão, acaba conhecendo estes fatores, por consequência.

Gorz (2005) assinala que todo o trabalho, seja na produção industrial ou na área de serviços, contém um componente de saber cuja importância é crescente, o que demonstra o saber da experiência, do discernimento, da capacidade de coordenação, auto-organização e da comunicação, que traz um pertencimento de cultura do cotidiano do trabalhador. Sennett (2009) afirma que este tipo de trabalho é a arte pela arte, detendo um caráter político e uma aptidão de alto grau, fazendo com que o trabalhador tenha orgulho daquilo que produz.

Os marceneiros, atualmente, são trabalhadores precarizados e muitos não veem futuro na sua profissão, pois a racionalidade neoliberal não permite o desenvolvimento de sua

criatividade. As entrevistas demonstram que a indústria a longo prazo pode vir a dominar o mercado e sobrar alguns poucos, envolvendo o padrão de atendimento, as tendências acompanhadas no mercado e para os novos materiais que surgem com o advindo da indústria.

Agora, o futuro da profissão. Eu acredito que vai ser muito promissor para quem trabalha bem, pra quem tem alto padrão, pra quem tem um bom atendimento e tá sempre inovando. A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. Pra um profissional que tenha a sua meta apenas financeira, esse não tem um futuro muito promissor não, porque o custo é alto e as pessoas logo vão descartando aqueles que cobram barato, mas que não colocam qualidade em seus materiais. (ENTREVISTA 2)

Ressalta-se que a profissão de marceneiro geralmente é passada de geração em geração, e poucas empresas pensam na questão de “se ocorrer algo, para quem irá à marcenaria”, pois isso já é definido dentro da família. O BNDES (2013) afirma que se tem um baixo percentual de empresas que planejam a sucessão da marcenaria e que, a maioria dos sucessores das marcenarias são da própria família. Isto também está relacionado a como a profissão foi passada em Muzambinho, em que a maioria dos trabalhadores conheceu o ofício devido a algum parente ou foi apresentado por um colega da família.

Outro fator ressaltado do futuro da marcenaria envolve a possibilidade do trabalhador poder usufruir daquilo que produz, tornando-se um fator de estagnação na profissão e pode gerar sentimentos de aversão no trabalhador, pois ele já não recebe muito bem e ainda assim, não pode usufruir daquilo que produz.

Cada um vê um modo de trabalhar, isso daí envolve a economia, circulação de dinheiro. Eu acho que fazer e não ter é errado, poucos marceneiros tem as coisas dentro de casa, feitas na marcenaria mesmo. O patrão tem né, mas os funcionários são outra coisa, se tiver algo, é uma pequena porcentagem. (ENTREVISTA 3)

Ao longo dos anos, também se é possível verificar uma dificuldade para se encontrar mão de obra qualificada e também, há uma forte presença de trabalho informal no que diz respeito a esses trabalhadores. A mão de obra daqueles que entram são chamados de ‘moleques’, que são aqueles marceneiros que estão em período de aprendizado. Muitos enxergam um bom futuro a longo prazo e veem com bons olhos o futuro de sua profissão, entretanto, apontam que nem sempre alguém que entra em uma profissão deseja realizar aquele ofício, mas o faz devido à necessidade de ter que trabalhar em algo e a marcenaria, como um trabalho artesanal, nem sempre procura o lucro, mas também a satisfação pessoal do trabalhador.

A pessoa não quer mais aprender uma profissão, ela quer um serviço e ganhar dinheiro, esse que é o problema de hoje. (ENTREVISTA 4)

O desenvolvimento da profissão é feito ao longo do tempo, como já falado anteriormente. Os marceneiros envolvidos nesta escala levam em consideração, pela sua análise, que os serviços prestados pelas marcenarias aumentam ano após ano, pois a busca é grande, entretanto, o número de profissionais na área vem sendo reduzido.

A profissão tende a aumentar. Pelo menos na área de madeira, a profissão tá diminuindo, né? Mas tende a aumentar o serviço. (ENTREVISTA 5)

Para estes profissionais, aprender uma profissão e se considerar um marceneiro, aquele que porta uma habilidade de trabalho, envolve o desenvolvimento do ofício, a questão da força bruta e a formação profissional (grande número de cursos feitos ao longo do tempo, para aperfeiçoamento da profissão). A maioria iniciou na profissão quando era jovem e, nas entrevistas, é retratado a dificuldade de encontrar pessoas que possam ser interessadas na área, principalmente pela falta de adesão nas marcenarias.

Arrumar profissional, fazer o profissional. Não tá podendo trabalhar, tem que ter a idade certa. A profissão não vai acabar não, mas tá difícil. (ENTREVISTA 9)

Ressalta-se que a existência de competitividade entre as próprias marcenarias e seus profissionais é constante, e que os marceneiros ficam competindo uns com os outros e muitas vezes, reduzem a qualidade do produto que fornecem à clientela.

Não vejo competição com lojas não, não vejo, apesar que atrapalha um pouco, mas não vejo competição. Competição maior está entre as próprias marcenarias, principalmente no quesito financeiro, onde muitas marcenarias prezam muito mais o valor do que a qualidade, então, eles diminuem o valor, diminuem a qualidade, porém, acabam fazendo uma certa concorrência um pouco desleal. (ENTREVISTA 2)

Eu não vejo competição com lojas de rede. Agora, com as outras marcenarias tem algum probleminha, mas não é grande coisa. O problema é principalmente no financeiro, esse povo faz muito financiamento. (ENTREVISTA 3)

Não vejo competição com lojas de rede, mas com outras marcenarias, sim. Principalmente com aquelas que trabalham na mesma área, que é a de madeira. (ENTREVISTA 5)

Há indicadores de uma mudança no perfil da classe operária, com o fortalecimento e ampliação das novas formas de controle do processo de trabalho e da classe trabalhadora, voltadas à valorização do capital. Assim, o trabalhador, que não reconhece seu trabalho no produto, alienado diante das fronteiras delimitadas pelo Estado e como a fragmentação dos sindicatos, expressam a existência da informalidade e da precarização do trabalho, alterando o cotidiano dos trabalhadores (THOMAZ JÚNIOR, 2004).

Antunes (2018) afirma que bilhões de trabalhadores dependem do trabalho como a única forma exclusiva para a sua sobrevivência e suportam situações instáveis e precárias,

vivenciando o desemprego, o que aumenta o contingente de trabalhadores(as), inserido em contextos de alienação, aprisionamento e unilateralidade no trabalho. Em escala global, toda a classe trabalhadora passa por uma retração e superexploração da força de trabalho, levando a altos índices de suicídio, desligamentos, baixas remunerações, entre outros.

As novas formas de trabalho envolvem o infoproletariado, os contratos de trabalho de just-in-time, jornadas de trabalho prolongadas, terceirização, trabalhos pagos a voucher, pejetização, freelancers permanentes, uberização e plataformização do trabalho. Na empresa moderna, o trabalho que os capitais exigem é aquele flexível, sem jornadas pré-determinadas e espaço laboral definido, sem remuneração fixa, direitos ou organização sindical. Isso leva à oscilação do trabalho e, na melhor das hipóteses, à disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão (ANTUNES, 2018).

Figuras 21, 22, 23 e 24: Máquinas utilizadas pelos marceneiros



Fonte: autoria própria

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do capitalismo e da descartabilidade na indústria de transformação envolvida no setor moveleiro aumenta ano após ano, fornecendo uma distribuição produtiva e sofisticação tecnológica para as marcenarias, que ligadas à indústria química e biológica, realizam modificações no seu processo de produção e no ofício dos trabalhadores inseridos no ramo, sendo estes, os marceneiros e moveleiros.

Através do trabalho, foi realizada uma análise histórica e espacial a respeito da expropriação do trabalho artesanal e do trabalhador ao longo dos modos de produção analisados, levando em consideração o desenvolvimento industrial realizado no Brasil e quais as conexões espaciais que levaram a esse desdobramento nas cidades pequenas.

O setor da marcenaria está inserido em uma rede de fornecimento dos insumos, de sua clientela, que ao mesmo tempo estão sobrepostas à dinâmica das redes que operam em outras escalas e interferem em sua atividade. A maior articulação das redes, verificada atualmente, implica uma maior divisão do trabalho, especialização, mecanização e introdução de novas tecnologias que alteram as relações e modos de trabalho do marceneiro. Em consequência, a identidade desse ofício, vinculada ao artesanato, acaba sendo degradada.

Na cidade de Muzambinho-MG, apesar de ser uma cidade pequena, foi-se analisado que parte desse processo envolve a rede urbana observável, o desaparecimento do marceneiro e o surgimento do moveleiro ao longo do processo de produção devido às novas produções industriais.

As relações entre produtor e consumidor também foram observadas, considerando o público alvo dos marceneiros e quem é a sua clientela, refletindo sobre como pessoas de outras classes sociais podem ou não, ser atendidas por uma profissão que foi se tornando nichada ao longo do tempo devido ao alto custo apresentado.

Para isso, é necessário refletir sobre qual o valor de um móvel personalizado e o quanto compensa ser feito em uma sociedade que muda constantemente e o quão dispostas estão as pessoas a ficar com algo que possa ser permanente e que deve ser preservado ao longo dos anos numa sociedade em que as coisas são tão mutáveis.

Assim, outro fator analisado na expropriação destes trabalhadores envolve a possibilidade de usufruir daquilo que produzem, se eles se consideram como artesãos, se apresentam aversão ao sistema no qual estão inseridos, além da dificuldade de se encontrar uma mão de obra qualificada dentro do setor.

Ao final, vemos que diversos trabalhadores se encontram distanciados das modalidades de trabalho valorizados pela sociedade contemporânea (trabalho intelectual), já que estão próximos das tendências de assalariamento, proletarização e precarização do trabalho, pois muitos querem se diferenciar do operariado no geral.

6. REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENA FILHO, Nelson de. **A morfologia das cidades médias**. Editora Vieira, 2007.

ANDRADE GONÇALVES, M. THOMAS JUNIOR, A. Informalidade e precarização do trabalho: uma contribuição a geografia do trabalho. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (31), 2002. [ISSN: 1138-9788], <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-31.htm>

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez, Campinas – SP. **Editora da Universidade Estadual de Campinas**, 2006.

ANTUNES, Ricardo. O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: **Boitempo**, 2018. 325 p.

ARRUDA, Glória Lúcia. R. C. **O design na Indústria Moveleira Brasileira e seus Aspectos Sustentáveis**: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas-Pr. 121 f. Dissertação (mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC. Bauru-SP, 2009.

BIZERRA, Fernanda Araújo. EXPROPRIAÇÃO DO TRABALHO: quintessência das sociedades de classes. In: **II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social**, 2017, Santa Catarina. Anais [...]. Santa Catarina, UFSC, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180050/102_00546.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Número ISBN: 978-85-64093-50-8. Acesso: 13 nov. 2023.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.

BLEICH, M. C. Joaquim Tenreiro: arte, técnica e história no mobiliário brasileiro. 2016. **Dissertação** (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

CAVALCANTE, J. P.; JUNIOR, W. de L.; PEREIRA, J. B.; CAVALCANTE, A. T. P. A comunicação entre organismos públicos e marceneiros em relação a segurança e saúde do trabalho no período pós COVID-19 em um Município do interior de Alagoas/ A comunicação entre organismos públicos e marceneiros em relação a segurança e saúde do trabalho no período pós COVID-19 em um Município do interior de Alagoas. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 34888–34897, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n4-106. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27683>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. AS PEQUENAS CIDADES NA CONFLUÊNCIA DO URBANO E DO RURAL. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 5-12, 2011. DOI:

10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74228. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74228>. Acesso em: 9 set. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Ed. UNESP, 2018. 321 p. Inclui bibliografia. ISBN 9788539307708 (broch.).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2006. 330 p. ISBN 8528611957 (broch.).

CEARES. Centro de Artesanato e Design dos Açores. **REPERTÓRIO DE ATIVIDADES ARTESANAIS**. 2015 Disponível em: <http://artesanato.azores.gov.pt/wp-content/uploads/2016/08/repertorio-atividades-artesanais-e-notas-explicativas.pdf> . Acesso em: 10 nov. 2023.

DURATEX. Qual a diferença entre MDF e HDF. **Blog da Duratex**. 06 de setembro de 2022. Disponível: <<https://www.duratexmadeira.com.br/blog/qual-e-a-diferenca-entre-mdf-e-hdf/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20HDF,garantindo%20maior%20resist%C3%Aancia%20e%20estabilidade>>. Acesso: 26 nov. 2024.

GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JÚNIOR, Job. R; MORGADO, Ricardo. R. A Competitividade da Indústria de Móveis do Brasil: situação atual e perspectivas. **BNDES Setorial**, 37, p. 227-272. Rio de Janeiro: BNDES, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed São Paulo: Atlas, 1999. 206 p. ISBN 8522422702 (broch.).

GONÇALVES, Camila Araujo. As Artes Menores, o Ensino do Desenho e a Valorização do Ofício na Sociedade Amparense no início do século XX. **Património Industrial Ibero-americano**: recentes abordagens, edité par Sheila Palomares Alarcón et al., Publicações do CIDEHUS, 2020, <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.14422>.

GORZ, André. O Imaterial – Conhecimento, Valor e Capital. SP: Editora Annablume, 2005.

HARVEY, David. O neoliberalismo como destruição criativa. In: **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente** – v.2, n.4, Tradução, ago 2007.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016. 297 p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788575595022 (broch.).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE | Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muzambinho/panorama>>. Acesso: 23 nov. 2024.

MARQUES RIBEIRO, Ilmarana Caroline. O DESIGN DE IMPRESSOS ARTESANAIS : produtores e técnicas de produção em São Luís – MA / Curso de Design, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019. 85 f.

MARX, Karl. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. O método da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 76-88.

MARX, Karl. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Formas que precederam a produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 627-685.

MARX, K. **O capital**. V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MATOS, Patrícia F.; PESSÔA, Vera L.S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Julio C de L.; PESSÔA, Vera L. S. (org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009, p.279-291.

MOVIMENTO SOMOS CIDADE. **Cidade-jardim: um projeto viável para o século 21**. Disponível em:<<https://somoscidade.com.br/2021/07/cidade-jardim-um-projeto-viavel-para-o-seculo-21/>>. Acesso: 15 fev. 2023.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PENA, P. G.; GOMES, A. R. A exploração do corpo no trabalho ao longo da história. In: VASCONCELLOS, L.C.F, OLIVEIRA, M. H.B. (org.). Saúde, Trabalho e Direito: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: **Educam**; 2011. 600p.

PINTO, H.S.; MOUCO, L.M.; MACHADO, J.J. **Manual de Marcenaria: Condições de trabalho e produtividade**. Fundação Centro de Análise e Pesquisa e Inovação Tecnológica, Amazonas, Projeto Floresta Viva, dez.. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MUZAMBINHO. **Plano diretor de Muzambinho Participativo de Desenvolvimento Sustentável**. Muzambinho: p.184, 09 de janeiro de 2008. Disponível em: <<https://www.camaramuzambinho.mg.gov.br/arquivos/leis/1416/4ca4aa15715c6475da9813222a6683fb.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2024.

SAGGIORATO, Bruno. DINÂMICA GEOECONÔMICA DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL. **Geo UERJ**, [S. l.], n. 42, p. e64880, 2023. DOI: 10.12957/geouerj.2023.64880. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/64880>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SALVADOR, Diego Salomão C. O. A Geografia e o método dialético. *Sociedade e Território*, Natal, V. 24, nº1, p. 97-114, jan./jun. 2012

SANTOS, M. ALMEIDA, A. Principais riscos e fatores de risco ocupacionais dos marceneiros e carpinteiros, bem como doenças profissionais associadas e medidas de proteção recomendadas. **Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional online**. 2016, volume 1, S006-S019. DOI:10.31252/RPSO.02.03.2016.

SEBRAE. 1 Apresentação. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar->

[umamarcenaria,7b987a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>](#). Acesso em: 14 fev. 2018.

SENNETT, Richard. **O Artífice** [recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Flávia Leão Almeida. Trabalho artesanal e suas inter-relações com o universo doméstico: estudos de caso em Viçosa, MG. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa. 2014.

SPOSITO, M. E.B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

TEIXEIRA, F. dos S.; ROCHA, C. A. M. da. Propriedade Intelectual: panorama do desenho industrial entre os microempresários do setor de marcenaria da região metropolitana de Belém. **Cadernos de Prospecção**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 606–619, 2023. DOI: 10.9771/cp.v16i3.51623. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/51623>. Acesso em: 8 nov. 2023.

THOMAZ JÚNIOR, A. A Geografia no mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Geosul**, Florianópolis, v. 19, n.37, p7-26, jan./jun. 2004

THOMAZ JÚNIOR., A. GEOGRAFIA DO TRABALHO POR INTEIRO. **PEGADA – A Revista da Geografia do Trabalho**, [S. l.], v. 19, n. 2, 2018. DOI: 10.33026/peg.v19i2.6000. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6000>. Acesso em: 8 nov. 2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Olá, meu nome é Débora.

Estou cursando o último ano de Geografia na UNIFAL e meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) é relacionado com o trabalho dos marceneiros, nomeado de ‘*A expropriação do trabalho dos marceneiros em Muzambinho no contexto de reestruturação produtiva do sul de Minas Gerais*’. Gostaria que vocês pudessem responder algumas perguntas do questionário a respeito da sua profissão.

ORIENTAÇÕES

- Algumas perguntas podem ser respondidas com sim, não ou não sei.
- Não tem a necessidade de citar nomes de clientes e o questionário é anônimo, válido apenas para a pesquisa.
- As perguntas podem ser respondidas em áudio, enviado para o meu Whatsapp. Qualquer dúvida, entre em contato comigo para perguntar.

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade (até que ano você cursou):
4. Quantos anos tem de profissão:
5. Como você entrou no ramo da marcenaria? A sua profissão foi passada geracionalmente (de pai para filho ou algum parente te apresentou)?
6. Quantos anos de experiência você deve ter para se tornar um marceneiro?
7. Quantas pessoas trabalham com você? São amigos próximos ou familiares (irmãos, tios, primos, etc)?
8. Qual o seu vínculo trabalhista (CLT - carteira de trabalho assinada, autônomo...) ou você é Pessoa Jurídica (PJ)?
9. O local em que você trabalha é próprio ou é alugado? Faz quantos anos que você trabalha na marcenaria?
10. A marcenaria fica próxima da sua casa ou usa algum veículo de transporte para chegar até lá (bicicleta, carro, moto ou transporte público)?
11. Qual o principal móvel que você produz? Quais são os móveis que você mais vende?
12. Vê competição com as lojas de rede? E com outras marcenarias?
13. Qual o perfil da sua clientela? Em quais bairros ela está localizada?
14. Você se considera um artesão?
15. Como você vê o futuro da sua profissão?

ENTREVISTAS CONCEDIDAS

ENTREVISTA 1 - Entrevista escrita

1. 55 anos, 7ª série e 40 anos de marcenaria.
2. Através do meu tio que também é marceneiro.
3. Depende do aprendizado da pessoa e da capacidade de absorver dela.
4. Uma pessoa.
5. Autônomo.
6. Próprio, 11 anos.
7. Fica na minha casa, então não tenho que me locomover demais.
8. De tudo.
9. Não.
10. Fica localizada no bairro Vila Socialista, mas eu trabalho em toda a cidade e em cidades vizinhas (Guaxupé, Monte Belo, Nova Resende).
11. Sim, me considero um artesão.
12. Acho que daqui a algum tempo, não teremos tantos marceneiros.

ENTREVISTA 2 - presencial

1. 70 anos de idade, 2º grau completo, formado técnico de contabilidade e desenho técnico mecânico industrial. Atualmente tem 55 anos de profissão.
2. Eu entrei pro ramo de marcenaria ainda jovem, devido a necessidade de ajudar a família, trabalhar e ajudar a família no caso. Gostei da profissão e mantenho ela até hoje.
3. Então, tenho um marceneiro, um jovem, uma pessoa para se tornar um marceneiro e trabalhar com madeira ele, talvez, vá demorar aí uns cinco anos para se tornar um bom marceneiro, se tiver boa vontade, se tiver conhecimento e gostar da profissão. Para trabalhar com mdf eu acredito que em seis meses, no máximo um ano, a pessoa já se torna um bom profissional porque o MDF já é um produto bem mais fácil de trabalhar e não exige tanto conhecimento de marcenaria.
4. Hoje em dia trabalho com dois funcionários, e não tenho vínculo trabalhista, apenas com eles, pois sou uma Pessoa Jurídica (o PJ), que trabalha com um galpão próprio e já estou no ramo de marcenaria faz 55 anos.
5. A marcenaria fica na minha própria casa, então eu não dependo de transporte para chegar até a marcenaria.

6. Os principais móveis que trabalhamos são aqueles planejados de alto-padrão, os móveis mais vendidos são aqueles planejados, aqueles para casa e que não são encontrados em lojas. São móveis diferenciados.
7. Não vejo competição com lojas não, não vejo, apesar que atrapalha um pouco, mas não vejo competição. Competição maior está entre as próprias marcenarias, principalmente no quesito financeiro, onde muitas marcenarias prezam muito mais o valor do que a qualidade, então, eles diminuem o valor, diminuem a qualidade, porém, acabam fazendo uma certa concorrência um pouco desleal.
8. O perfil da minha clientela não é bem específico, mas geralmente é uma classe média-alta, mas atendemos a qualquer tipo de pessoa, do menos abastado aos mais ricos, sem distinção para o valor dos móveis, a qualidade do serviço, enfim. Não distinguimos. Atendemos todos, como todo comerciante. Abriu uma porta pro comércio, ele tem que atender os seus clientes da melhor forma possível, independente de cor, raça, valor, é, de poder aquisitivo.
9. Não tem um bairro específico para trabalharmos na cidade, porque isso seria muito de bairro. O bairro geralmente dura pouco e a profissão da gente dura muito e o bairro com pouco tempo já enche de casa e fica bem diversificado. No meu caso, muito diversificado na cidade de Muzambinho e na região, já temos uma grande clientela na rede das cidades da região.
10. O marceneiro não é bem um artesão, mas o nosso serviço é bem artesanal, não me considero bem um artesão. Eu me considero um profissional! Porque o artesão, ele procura muito a parte de beleza do móvel, de um trabalho que fica bonito pra vender. Nós já temos uma qualidade de profissional, desde o atendimento, desde a qualidade do serviço.
11. Agora, o futuro da profissão. Eu acredito que vai ser muito promissor para quem trabalha bem, pra quem tem alto padrão, pra quem tem um bom atendimento e tá sempre inovando. A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. Pra um profissional que tenha a sua meta apenas financeira, esse não tem um futuro muito promissor não, porque o custo é alto e as pessoas logo vão descartando aqueles que cobram barato, mas que não colocam qualidade em seus materiais.
12. Espero ter sido útil e ter respondido com aquilo que tive condições.

ENTREVISTA 3 - presencial

1. 65 anos, 4ª série, 52 anos de profissão.
2. Eu vou responder certo dessa vez. Então, eu comecei na marcenaria... Espera que eu me perdi na pergunta, repete. Eu entrei trabalhando em uma mecânica e do lado tinha a marcenaria, então no começo eu não gostei muito da mecânica e ficava mais no barracão da marcenaria, aí me passaram pro barracão da marcenaria depois de 3 dias na mecânica, o trabalho era muito sujo e eu não gostei. Ai eu gostei do trabalho e continuei até hoje. Eu não vou falar mentira pra você.
3. Quem me apresentou a profissão foi um amigo.
4. Na minha opinião, para ele ser um marceneiro competente, ele precisa de pelo menos 10 anos. É uai, mas senão o caboclo não vai não.
5. Trabalhamos em três pessoas, sendo familiares, eu, meu filho e minha esposa.
6. Então, eu sou aposentado, então não tenho vínculo trabalhista.
7. O lugar que eu trabalho é alugado, mas logo vou me mudar para um barracão próprio. Faz uns sete anos que eu tenho a marcenaria.
8. Então, o meu transporte é a pé mesmo. Quer dizer, de manhã quando entro e de tarde quando saio é de a pé, na hora do almoço é de carro.
9. Eu produzo todo tipo de móvel planejado, mas o que mais sai na região é a cozinha.
10. Eu não vejo competição com lojas de rede. Agora, com as outras marcenarias tem algum probleminha, mas não é grande coisa. O problema é principalmente no financeiro, esse povo faz muito financiamento.
11. O perfil da minha clientela é em geral, não tem classe específica não, é mais a classe alta. Baixa e alta, média. Tudo.
12. Eu tenho vários bairros em Muzambinho que trabalho, não vou dizer todos porque são vários, mas eu trabalho na cidade em geral, mas não tenho um bairro específico. Trabalho bastante no Canaã, no Jardim Europa e no Jardim Primavera.
13. Eu me considero um marceneiro e um artesão, me considero um artesão por causa dos móveis redondos e por enfeitar bastante eles sabe, então ele fica um móvel muito bonito.
14. A minha profissão já está no fim, mas eu vejo na dos outros um futuro muito bom.
15. O que você acha da relação de troca de trabalho? E a questão dos marceneiros usufruírem daquilo que produzem?
16. Cada um vê um modo de trabalhar, isso daí envolve a economia, circulação de dinheiro. Eu acho que fazer e não ter é errado, poucos marceneiros tem as coisas dentro de casa,

feitas na marcenaria mesmo. O patrão tem né, mas os funcionários são outra coisa, se tiver algo, é uma pequena porcentagem.

ENTREVISTA 4 - presencial

1. 32 anos, 3º grau completo
2. 16 anos de profissão
3. Meu pai é marceneiro e eu me tornei marceneiro.
4. Depende do aprendizado.

Como você considera esse aprendizado?

Um jeito mais direto, tem gente que é mais fácil de aprender e tem gente que é mais difícil.

Você acha que tem mais gente que vai ter dificuldade com os produtos ou com o material que vai utilizar, precisa de mais destreza ou vai adquirindo isso conforme o tempo vai passando?

Não, você tem que ter a manha já, tipo assim, né uma coisa muito... É igual pedreiro ou qualquer outra profissão, tem cara que tem mais jeito do que o outro. Ponto, é isso.

Depende do aprendizado.

5. Eu, meu pai e minha mãe.
6. Autônomo.
7. Por enquanto, alugado, sete anos.
8. Vou a pé.
9. Residencial em geral. É a mesma resposta, móvel de residência, ué.
10. De jeito nenhum, e eu tô nem aí pras outras marcenarias, tô nem aí. Eu faço o meu e eles fazem o deles. Agora... falar que a gente escolhe o serviço não, mas o cliente sim. Dá para escolher a clientela.
11. Classe média para alta. Costuma estar na cidade toda, mas, principalmente Canaã e Jardim Europa
12. Eu não sou artesão, sou moveleiro. A parte de artesão é outra coisa, eu sou moveleiro. Eu trabalho com o móvel, artesão é outra pegada.

O que você acha do artesão?

É o cara que trabalha com madeira, que faz desenho, que faz arte. Eu sou moveleiro. Entendeu? Existe uma diferença grande do moveleiro do marceneiro. Eu faço coisa que serve para a pessoa usar no dia a dia, o outro faz coisa para ficar bonito (arte).

Você acha que por trabalhar com algo que envolve manufatura, que você chega e tem a produção industrial junto com a mão de obra, acha que mesmo assim não é artesão? Não, eu sou moveleiro. Eu não sou artesão. Mas meu pai é.

13. Tá cada vez menos mão de obra qualificada, então, ah sei lá.

Acha que a mão de obra vai melhorar ou tem gente que vai se atrair pelo valor que consegue retirar na marcenaria?

Uma resposta sincera. Os muleques de hoje não são iguais aos de antigamente. Eles colocam o moleque para trabalhar e ele está morto, tendeu? A pessoa não quer mais aprender uma profissão, ela quer um serviço e ganhar dinheiro, esse que é o problema de hoje. Tem moleque tem dificuldade de respirar. Tem moleque que anda picando. Não é nem que o serviço é pesado, apesar de ser, é que ele é novo e aguenta as coisas.

ENTREVISTA 5 - áudio via whatsapp

1. 36 anos, 3º ano do ensino médio
2. 3 anos de profissão
3. Não, não, a profissão me foi apresentada. Um primo meu me apresentou e eu acabei me interessando pela área.
4. Olha, é complicado né? Cada um tem um tempo, né? Depende do aprendizado, depende de cada um.
5. Trabalho sozinho, sou autonomo
6. É próprio. Faz três anos que trabalho nessa marcenaria.
7. A marcenaria é próxima da minha casa.
8. Mesa e cadeira.
9. Não vejo competição com lojas de rede, mas com outras marcenarias, sim. Principalmente com aquelas que trabalham na mesma área, que é a de madeira.
10. Uai, a clientela é meio esparramada, o pessoal vem de todo o lado. Não tem lugar certo não.
11. Sim.
12. A profissão tende a aumentar. Pelo menos na área de madeira a profissão tá diminuindo, né? Mas tende a aumentar o serviço.

ENTREVISTA 6 - áudio via whatsapp

1. 36 anos, 8ª série, aproximadamente 7 anos de profissão.

2. Mais ou menos assim, meu pai já trabalhava com madeira, mas ele não era um marceneiro.
3. Acredito que mais ou menos uns 5 anos
4. São amigos, trabalhamos com três pessoas
5. Eu trabalho como autônomo.
6. Eu trabalho a aproximadamente cinco anos e é arrendado.
7. Eu uso transporte, vou de carro para a marcenaria.
8. Mesa, cadeira, portal, porta, porteira, basicamente de madeira.
9. Ah, acredito que não, não tem competição.
10. A gente trabalha em todos os bairros da cidade, não tem um lugar certo não.
11. Acredito que sim.
12. Ah, acredito que é uma profissão boa e que tem um bom futuro.

ENTREVISTA 7 - áudio via whatsapp

1. 62 anos, 7ª série, 40 anos de profissão
2. Foi, mais ou menos.
3. Ah, pelo menos uns 5 anos.
4. Trabalho em dois, somos amigos, né familiar não.
5. Autônomo.
6. Arrendado. Faz pouco tempo, uns 56 anos
7. Veículo de transporte. Uso uma caminhonete do trabalho.
8. Armários, pia de cozinha, pia de banheiro, porta, essas coisas.
9. Não. Não tem não.
10. Ah, no centro de Muzambinho.
11. Acho que sim.
12. Conseguir trabalhar cada vez mais.

ENTREVISTA 8 - mensagem de whatsapp

1. 46 anos, ensino médio completo, formado em contabilidade.
2. 36 anos de profissão
3. Entrei na marcenaria por indicação de um amigo
4. Pelo menos uns 5 anos para se tornar profissional, antes disso é meio difícil
5. 3 parentes
6. Sou autonomo

7. Alugado. Já trabalho nesse barracão a 36 anos
8. Fica próximo e vou de carro para a marcenaria
9. Cozinhas e armários, etc.
10. Não vejo competição. Cada um tem o seu mercado.
11. Principalmente no estado de São Paulo
12. Me considero artesão .
13. O futuro é que está ficando sem mão de obra.

ENTREVISTA 9 - áudio via whatsapp

1. 47 anos, fundamental completo, 28 anos de profissão.
2. Eu entrei no serviço de marcenaria porque meu pai pediu pra uma amigo dele pra me dar serviço quando eu tinha 11 anos, aí ele arrumou para mim.
3. Acredito que uns 3 a 4 anos, para ser um profissional de marcenaria.
4. Eu, meu irmão e patrão. Sou registrado na marcenaria que trabalho com o meu patrão.
5. Eu trabalho no barracão do meu patrão.
6. Venho para trabalhar de bicicleta, de 10 a 15 minutos que eu gasto para chegar no meu serviço.
7. Aqui faz todo o tipo de móveis, no caso, a casa completa. A que mais sai geralmente é a cozinha.
8. Competição tem muita sim viu, tem várias. Mas faz parte, em todo ramo tem, né?
9. Ah, tá pra todo o lado né. Vai pros bairro tudo, até para a cidade fora. Tem lugar certo pra trabalhar não.
10. Não me considero um artesão não, apenas um marceneiro né? Artesão não.
11. Tá bem difícil viu? Hoje em dia tá bem difícil. Arrumar profissional, fazer o profissional Não tá podendo trabalhar, tem que ter a idade certa. A profissão não vai acabar não, mas tá difícil.

ENTREVISTA 10 - mensagem via whatsapp

1. 35 anos, 6º ano, 10 anos de profissão.
2. Sim, entrei na marcenaria pelo meu pai.
3. Pelo menos uns 5 anos.
4. Familiares.
5. Autônomo
6. Trabalho na marcenaria faz 10 anos.

7. Veículo de transporte para chegar lá.
8. Guarda-roupa, móvel para geladeira, etc.
9. Não.
10. Cidade inteira.
11. Sim
12. Melhorar cada vez mais.

ANEXO A – Título do Anexo

O anexo é um elemento opcional em que o autor apresenta os documentos não elaborados por ele, mas que trazem informações complementares ao trabalho. Deve ser identificado por letras maiúsculas sequenciais, travessão e seguidos dos respectivos títulos.